



MONOGRAPHIE DE LA **RÉGION** **DE CACHEU**

GUINÉE-BISSAU



Crédit photos

©JB RUSSEL - www.jbrusselimages.com sauf mention contraire

Auteur

Ouvrage coordonné par le Grdr (www.grdr.org) en collaboration avec le gouvernorat et le cabinet de planification de la région de Cacheu.

Mai 2018.

ISBN 979-10-95026-04-4

Graphisme

By Reg' www.designbyreg.dphoto.com

Imprimeur

La Rochette - Dakar



MONOGRAPHIE
DE LA **RÉGION**
DE CACHEU

GUINÉE-BISSAU



REPÚBLICA DA
GUINÉ-BISSAU

Ministério da Administração Territorial Governo Regional de Cacheu – Gabinete do Governador

PRÉFACIO

Constata-se pouco espaço sobre a actualidade da Guiné Bissau nos órgãos de comunicação internacionais, nos quais se priorizam mais os relatos das consequências da instabilidade política que prevalece no país há vinte anos, explicando sobretudo pontos negativos do nosso país. Enfim, essas informações ficam alojadas nas pessoas que nunca tiveram oportunidade de cá visitar.

Esta conclusão é extensiva a todos os territórios regionais do país e, em particular, esta magnífica região de Cacheu, “a Terra dos Obreiros do além-mar”.

E, falando desta Região, objecto do presente trabalho, importa enaltecer fundamentalmente as relações e dinâmicas social, demográfica e económica, sua posição geográfica original, fazendo interface triangular entre o Oceano Atlântico e dois pólos urbanos do litoral como a Cidade de Bissau e a de Ziguinchor. A importância natural, ecológica e ambiental de tarrafes, cuja extensão se afigura das maiores do espaço CEDEAO, conjugada com as indispensáveis acções da sua diáspora, da sociedade civil organizada e, sobretudo, atitude positiva dos habitantes da região em coabitar, colaborar e conviver em paz, fazendo elevar a sua capacidade de gerir de maneira racional e sustentável os diversos e riquíssimos recursos do território.

Convicto e motivado pela necessidade de veicular e disseminar um outro ponto de vista, mais positivo e mais consentâneo à realidade social, produtiva e económica da Região de Cacheu, o Governo Regional, através do seu Gabinete de Planificação associou-se em 2013 ao Grdr, para que, no quadro de colaboração institucional, desenhar e implementar o Programa de Apoio ao Desenvolvimento Territorial na região de Cacheu (PADETEC) e, no âmbito do qual se produziu a presente monografia.

Esta monografia é o fruto dum trabalho conduzido pelos actores da sociedade civil em colaboração com os serviços desconcentrados do estado, que conseguiram através de um diagnóstico concertado, identificar e estabelecer de forma estruturada a situação dos três sectores prioritários para território: a saúde, educação e agricultura. Ao mesmo tempo, foi identificado um panorama das principais tendências demográficas e económicas para melhor dar resposta aos desafios sectoriais no contexto do território.

É importante sublinhar que este trabalho não pretende ser exaustivo mas, mas demonstrativo das qualidades positivas da Região, contribuindo para dar melhor visibilidade das suas potencialidades naturais e humanas, assim como a sua beleza natural, as ameaças e riscos ambientais e servir de base de informação para os diferentes actores sociais e de apoio ao desenvolvimento que intervêm na região.

O governador e o gabinete regional agradecem aos actores que participaram neste trabalho, em particular realce para UE, AFD, CCFD-TS, CFSI que co-financiaram o PADETEC. Agradece-se também os actores mobilizados no levantamento dos dados e na restituição de informações, nomeadamente, os delegados regionais dos ministérios, ONG’s, estudantes estagiários, consultores, etc.

**“Não há ventos favoráveis para quem não sabe
de onde vem e para onde vai”**

Justino Caroné Gomes
Governador da Região



Cet ouvrage est publié dans le cadre du Programme d'Appui au Développement Territorial en région de Cacheu (PADETEC) et du PGCEL avec le soutien financier de la Commission Européenne, de l'Agence Française de Développement, de la Fondation Abbé-Pierre, du CCFD-Terre Solidaire et du Comité Français de Solidarité Internationale.

Le Grdr, coordonnateur du chantier, remercie les autorités de la région de Cacheu ainsi que les structures qui ont bien voulu le cofinancer.

Une mention spéciale revient aux différents contributeurs : membres des commissions thématiques, consultants et stagiaires.

REMERCIEMENTS

Avec le soutien de



Avertissements

Le contenu du présent ouvrage n'engage que ses auteurs. Les données, désignations ou frontières utilisées dans les cartes ne sont pas garanties sans erreur et n'impliquent en aucun cas la responsabilité ni l'approbation du Grdr ou des parties prenantes mentionnées dans ce document.

SIGLES ET ABRÉVIATIONS

AD	Agence de développement	INPA	Instituto nacional de pesquisa Agraria
ADPP	Ajuda de desenvolvimento de povo para povo	MFDC	Mouvement des forces démocratiques de la Casamance
ADVC	Association pour le Développement du Village de Caio	MICS	Multiple indicator cluster survey
AFD	Agence Française de Développement	OCB	Organisation communautaire de base
AGUIBEF	Association pour le bien-être familial	OIM	Organisation internationale pour les migrations
ANAG	Associação nacional dos agricultores da Guiné-Bissau	ONG	Organisation non gouvernementale
BM	Banque Mondiale	OSC	Organisation de la société civile
CEDEAO	Communauté Économique des États de l’Afrique de l’Ouest	PADETEC	Programme d’appui au développement territorial en région de Cacheu
CFSI	Comité français pour la solidarité internationale	PAIGC	Partido africano para a independência da Guiné e Cabo Verde
COAJQ	Cooperativa agro-pecuária de jovens quadros	PAJEF	Programme d’Appui aux initiatives des Jeunes et Femmes en région de Cacheu
CONGAI/SRC	Confederação das organizações não governamentais e associações intervenientes ao sul do rio Cacheu	PAN/LCD	Programme d’action de lutte contre la désertification en Guinée-Bissau
DACAQOC	Projet d’appui à la diversification agricole et au développement d’une offre en noix de cajou de qualité en régions d’Oio et Cacheu	PGCEL	Programme pour la Gouvernance Concertée du Littoral
FAO	Food and Agriculture Organization	PNTC	Parque natural dos tarrafes do rio Cacheu
FAP	Fondation Abbé Pierre	PNUD	Programme des Nations unies pour le développement
FEC	Fundação fé e cooperação	RGPH	Recenseamento Geral da População e Habitação
FLAME	Freedom Life African Ministries Emmanuel	SOGUIBA	Solidaridad con Guinea Bissau
FMI	Fonds monétaire international	UASZ	Université Assane Seck de Ziguinchor
GRDR	Groupe de recherche et de réalisations pour le développement rural	UE	Union Européenne
HCR	Haut-commissariat des Nations unies pour les réfugiés	UEMOA	Union économique et monétaire Ouest-Africaine
IBAP	Instituto da biodiversidade e das áreas protegidas	UICN	Union internationale pour la conservation de la nature
INE	Instituto Nacional de Estatística da Guiné-Bissau	UNFPA	Fonds des Nations unies pour la population
		UNICEF	Fonds des Nations unies pour l’Enfance
		VIDA	Voluntariado internacional para o desenvolvimento africano

SOMMAIRE

Préface	3
Remerciements	5
Sigles et abréviations	7
Sommaire	8-9
Introduction : Cacheu, une région dans le monde.	11
I. ORGANISATION ADMINISTRATIVE ET ACTEURS DU DÉVELOPPEMENT TERRITORIAL	13
1.1. Des services étatiques présents mais trop faiblement dotés en ressources humaines et financières pour assurer leur mission régalienn	14
1.2. Le rôle clé des acteurs de la société civile dans le développement territorial	16
1.3. Cacheu, une mosaïque de territoires	19
II. DÉMOGRAPHIE	21
2.1. Une population en croissance	22
2.2. Le rôle structurant des axes routiers et de la frontière dans les dynamiques de peuplement	24
2.3. Cacheu, terre de départ, d'accueil et point d'étape de mouvements circulatoires sous régionaux	26
2.4. Des jeunes de plus en plus nombreux, une force de travail présente	28
2.5. Une région sous forte influence urbaine	29
III. MILIEU NATUREL	31
3.1. Une région littorale, de mangrove...	32
3.2. ...de palmeraies et de vergers	34
3.3. Les ressources non renouvelables : pétrole et sables lourds	34
3.4. Une difficile prospective climatique	35
IV. ECONOMIE	37
4.1. Cacheu, une région intégrée aux réseaux marchands sous régionaux et mondiaux	38
4.2. La pêche, secteur emblématique de l'intégration économique de Cacheu	39
4.3. Cacheu, première région productrice de noix de cajou et d'huile de palme	41
4.4. Des économies domestiques diversifiées à faible impact environnemental négatif	45
V. TROIS ENJEUX POUR LA RÉGION DE CACHEU	49
5.1. Améliorer l'offre et l'accès aux services de santé : soutien à la prévention et à la mobilité transfrontalière sur le court terme ; défi des moyens et de la gestion sur le long terme	51
5.2. La scolarisation en région de Cacheu : répondre aux enjeux de la croissance démographique, de l'augmentation du taux et de l'allongement de la durée de la scolarisation	52
5.3. Appuyer les exploitations agricoles familiales de la région : soutenir la diversification des sources de revenus, faciliter la circulation des biens agricoles et accompagner les dispositifs concertés d'accès aux ressources naturelles	55
Bibliographie	58
Liste des cartes, figures, tableaux et encadrés	60
Légende des photos	62

INTRODUCTION

Cacheu, une région dans le monde

L'inauguration d'un mémorial de l'esclavage à Cacheu en 2016 rappelle que cette ville était l'un des points névralgiques de la traite transatlantique en Afrique de l'Ouest. L'envoi d'esclaves à partir de Cacheu se fera jusqu'au XIX^{ème} siècle. Après l'abolition de l'esclavage, la colonisation portugaise (1880-1973) a contribué à maintenir des dynamiques d'extraversion économique. Cacheu, qui accueille un temps la capitale de la Guinée Portugaise, fournira notamment à la métropole des quantités importantes d'oléagineux (noix de palme, arachide).

Sur la période récente, l'importance des exportations régionales de noix cajou (Cacheu assure près du quart d'une production nationale en croissance exponentielle depuis 20 ans), l'exploitation des sables lourds de Varela (à ce jour suspendue) et l'omniprésence de pêcheurs étrangers dans les eaux de la Zone Economique Exclusive (ZEE) bordant la région, soulignent le maintien de cette tendance et le fait que Cacheu continue de vivre les effets très concrets de la « mondialisation » (**carte 1**).

Cependant, le dynamisme démographique de la région (+40% entre 1979 et 2009, 55% des habitants ont moins de 20 ans), la forte influence urbaine qui s'exerce sur le territoire, la diversité d'économies locales qui, à l'examen, apparaissent souvent autant ancrées aux réseaux marchands mondiaux que sous-régionaux et locaux et, enfin, l'émergence d'une société civile locale particulièrement active, mettent en relief de réelles **dynamiques** de développement local.

Ces dernières sont cependant souvent occultées du fait du traitement médiatique dont fait l'objet la Guinée-Bissau et du mode de fonctionnement des appareils statistiques nationaux et internationaux.

Le présent document entend rééquilibrer la situation en présentant, sous une forme concise et illustrée, les principales tendances démographiques et économiques à l'œuvre dans la région (chapitres 1 à 4) de manière à mieux situer dans le contexte territorial les enjeux sectoriels abordés (santé, éducation, agriculture, chapitre 5).

Cette monographie se présente ainsi comme **une base d'information** qui se veut utile aux acteurs du développement régional (ONG, organisations internationales, associations de la diaspora, services déconcentrés...) et dans le même temps comme un outil destiné à assurer une **meilleure visibilité et une vision plus juste de la région de Cacheu**.

Démarche d'élaboration de la monographie, choix méthodologiques et leurs limites

Le présent livrable est le fruit d'un travail collégial mené, sous la coordination du Grdr, par des acteurs de la société civile locale et les autorités étatiques déconcentrées implantés dans la région.

Cinq étapes principales ont jalonné ce travail :

- La définition d'une ligne éditoriale à partir d'une proposition du Grdr (2016) ;

- un diagnostic de trois secteurs jugés prioritaires par le gouvernorat (santé, éducation, agriculture) réalisé par des « commissions thématiques » regroupant du personnel des services déconcentrés et des acteurs de la société civile actifs dans les domaines considérés. Instituées en juin 2016, ces trois commissions thématiques ont restitué leur travail;

- La réalisation d'études thématiques par des étudiants-stagiaires et consultants (2016, 2017): diagnostic de la société civile régionale... ;

- La rédaction de la monographie, assurée par le Grdr, à partir de la matière collectée et d'une revue bibliographique large (données statistiques issues d'institutions publiques telles que l'INE, la FAO, le PAM, la BM, l'UICN, etc. ; travaux de recherche menés par des universitaires, données et informations produites par d'autres projets...);

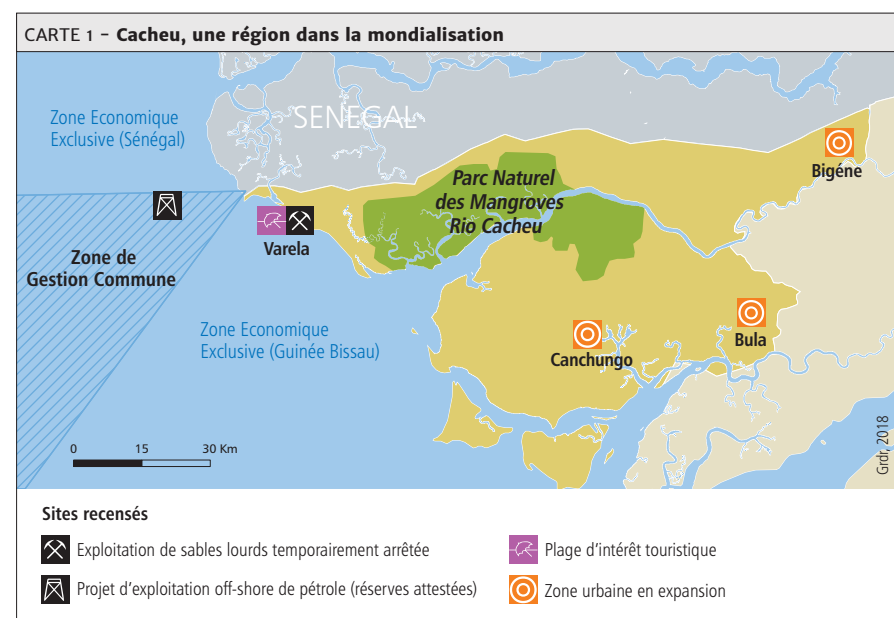
- La restitution publique, à Canchungo, en février 2018 de la version provisoire du document.

Un cinquième temps, planifié pour juin 2018 à Bissau, permettra de présenter publiquement et de diffuser la version finale de la monographie.

Le document ainsi produit, qui prétend donner une vision systémique, multi-scalaire et diachronique du territoire est le premier de ce type publié sur la région dans la mesure où la monographie publiée dans les années 1980 n'en donnait qu'un instantané.

Ce choix méthodologique aboutit à la production d'un document dont la lecture se veut plus exigeante que les productions courantes dans le milieu du développement.

En outre, l'équipe de coordination a buté à plusieurs reprises sur la non disponibilité ou la disponibilité partielle de données fiables d'où des lacunes, quasi inévitables dans le contexte d'élaboration du document.





ORGANISATION ADMINISTRATIVE ET ACTEURS DU DÉVELOPPEMENT TERRITORIAL

EN RÉSUMÉ

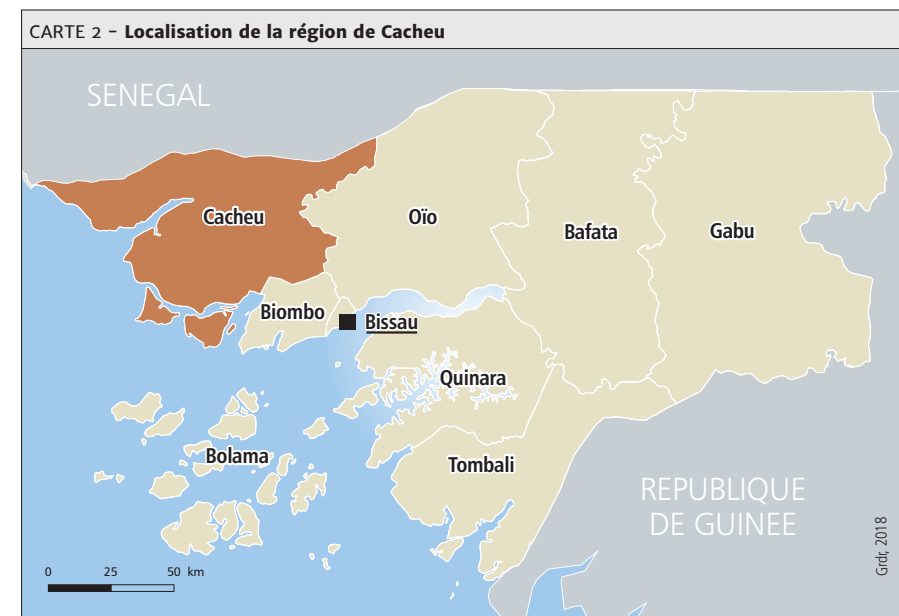
- L'administration territoriale, structurée à l'échelle des sept secteurs de la région, et les services déconcentrés de l'Etat œuvrent avec des ressources humaines et financières insuffisantes pour assurer leur mission régalienne ;
- Plus de **cinq cents Organisations de la Société Civile (OSC)**, pour la plupart d'entre elles non spécialisées, agissent à l'échelle des villages, villes et secteurs de la région. La majorité d'entre elles concentre son action sur l'agriculture, l'éducation et la santé ;
- Les **organisations issues de la diaspora** (plus d'une centaine recensées) sont les plus anciennes des OSC. Elles disposent souvent de capacités d'action plus importantes que les structures agissant avec les seules ressources locales. Elles sont actives tant dans la région de Cacheu que dans leurs régions d'implantation, en Afrique et en Europe de l'Ouest principalement ;
- Des **communautés d'origine variée cohabitent dans la région** : Felupe/Diola, Mancagne, Manjack, Pepel, Mandingue, Peul...L'organisation politique des terroirs et plus particulièrement les modalités de gouvernance foncière sont en conséquence diverses bien que ces communautés partagent de nombreux points communs. Le créole, langue véhiculaire régionale, témoigne de l'ouverture aux influences extérieures.



1.1. Des services étatiques présents mais trop faiblement dotés en ressources humaines et financières pour assurer leur mission régalienn

La région de Cacheu est née d'un découpage administratif intervenu dans le courant du XX^{ème} siècle, pendant et après la colonisation portugaise. D'une superficie de 5 430 km², Cacheu est bordée au nord par le Sénégal (département de Ziguinchor ou « basse-Casamance »), au sud par la région de Biombo, à l'est par la région Oïo et à l'ouest par l'Océan Atlantique (carte 2). Il s'agit de la 4^{ème} région du pays par sa superficie et de la 5^{ème} région par sa population.

Le chef-lieu de région est Cacheu, la ville qui fut la première capitale de la Guinée portugaise (assujettie à l'administration du Cap-Vert), avant Bolama¹ (en 1879) et Bissau (en 1941).



Sources : Limites administratives : OCHA ROWCA 2008 ; localités : GPC - Ministère de l'Intérieur, date non connue.

La région est aujourd'hui divisée en sept secteurs : Bigene, Bula, Cacheu, Calequise², Caió, Canchungo et São Domingos (carte 3). Ces secteurs sont à leur tour divisés en sections³ composées de *tabancas*⁴ (tableau 1). Un gouverneur de région s'appuie sur des administrateurs qui ont chacun la charge d'un de ces sept secteurs. Un comité régional de planification, constitué d'une petite équipe de fonctionnaires, forme le bras opérationnel du gouvernement. Gouverneur et administrateurs sont nommés par l'Etat (figure 1).

Chaque section est représentée par un *regulo* (« roi »), le plus souvent identifié par consensus entre les habitants et l'Etat. Enfin chaque village (*tabanca*) a à sa tête un chef de village.

Cette architecture administrative, mise en place durant la colonisation portugaise, a été reprise à l'indépendance et investie par le PAIGC, le parti politique alors dominant. Initialement conçue pour assurer le recensement de la population et superviser le prélèvement des impôts locaux (impôts de case puis, à l'indépendance, impôt pour la reconstruction), elle sert désormais de courroie de transmission entre le pouvoir central et les différents échelons territoriaux. Elle est renforcée par les services déconcentrés de l'Etat : agriculture, santé, éducation... Ces derniers relèvent hiérarchiquement des directions de leur ministère respectif.

L'inventaire réalisé par les commissions thématiques agriculture, santé et éducation en 2017 met en relief que les ressources humaines et financières dont disposent l'administration et les services déconcentrés sont actuellement insuffisantes. Ainsi,

TABLEAU 1 - Sections et villages des secteurs de la région de Cacheu

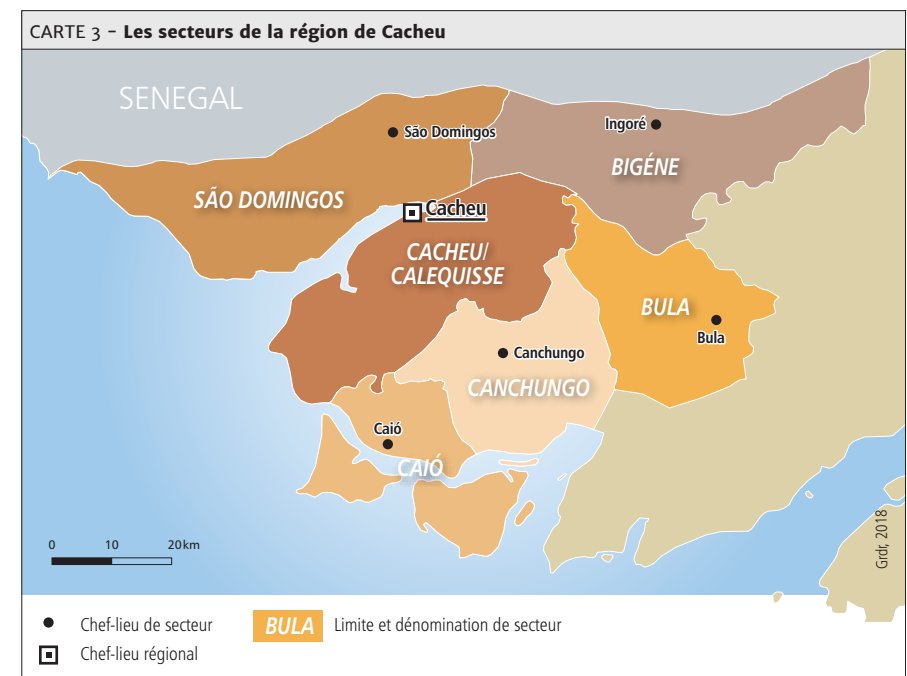
SECTEURS	BIGENE	BULA	CAIO	CANCHUNGO	CACHEU/ CALEQUISE	SÃO DOMINGOS	Total
SECTIONS	Bigene Sedengal Ingoré Barro	Bula São Vicente Agustos Barros Pete Có João Landim	Caio Cajucut Pecixe Jeta	Canchungo Djolmete Pelundo Bara Tame/Canhobe Batucar/Pandim	Cacheu Calequise	Campada São Domingos Suzana	25
NOMBRE DE VILLAGES	181	139	87	118	104	116	745

Source : RGPH 2009, INE Guinée-Bissau. NB: en 2009, Cacheu et Calequise ne constituaient qu'un seul secteur.

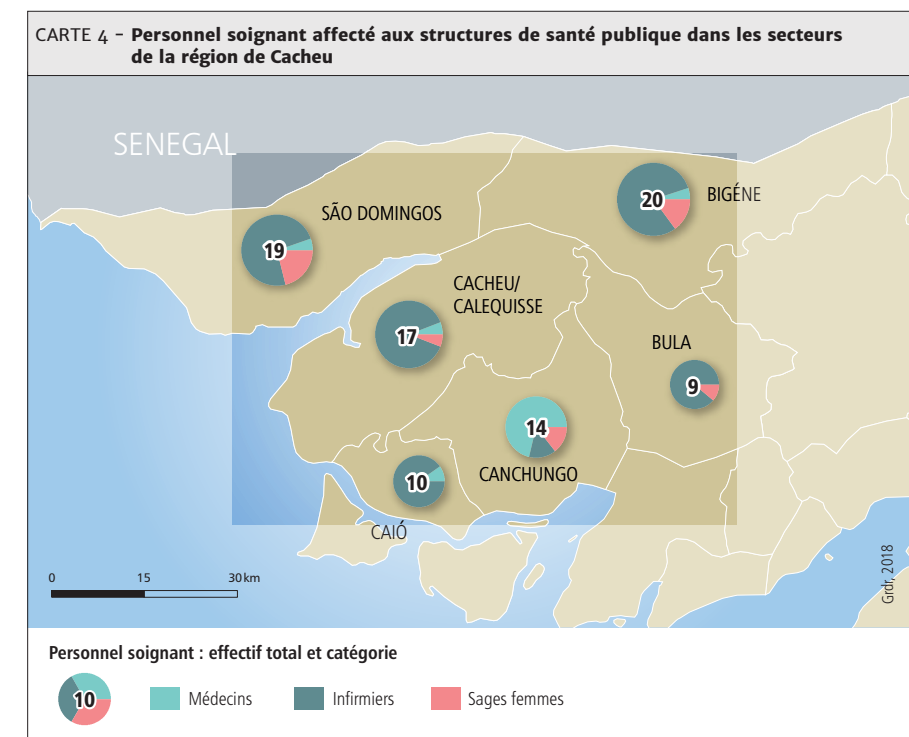
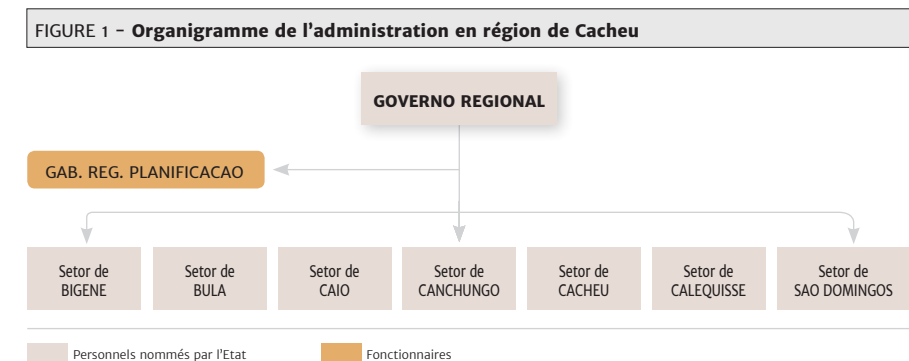
le nombre d'infirmiers affectés aux diverses structures de santé publiques de la région ne dépassent ils généralement pas une douzaine pour les secteurs du nord, dont la population dépasse pourtant les 30 000 habitants (carte 4). De même, les services de l'agriculture (agriculture, élevage et forêt) apparaissent très faiblement dotés, alors que ce secteur est central dans l'économie régionale (carte 5).

En outre, l'instabilité politique qui prévaut au niveau du pouvoir central ces vingt dernières années ne favorise guère le déploiement des moyens en présence et la mise en œuvre des orientations définies par les politiques sectorielles⁵.

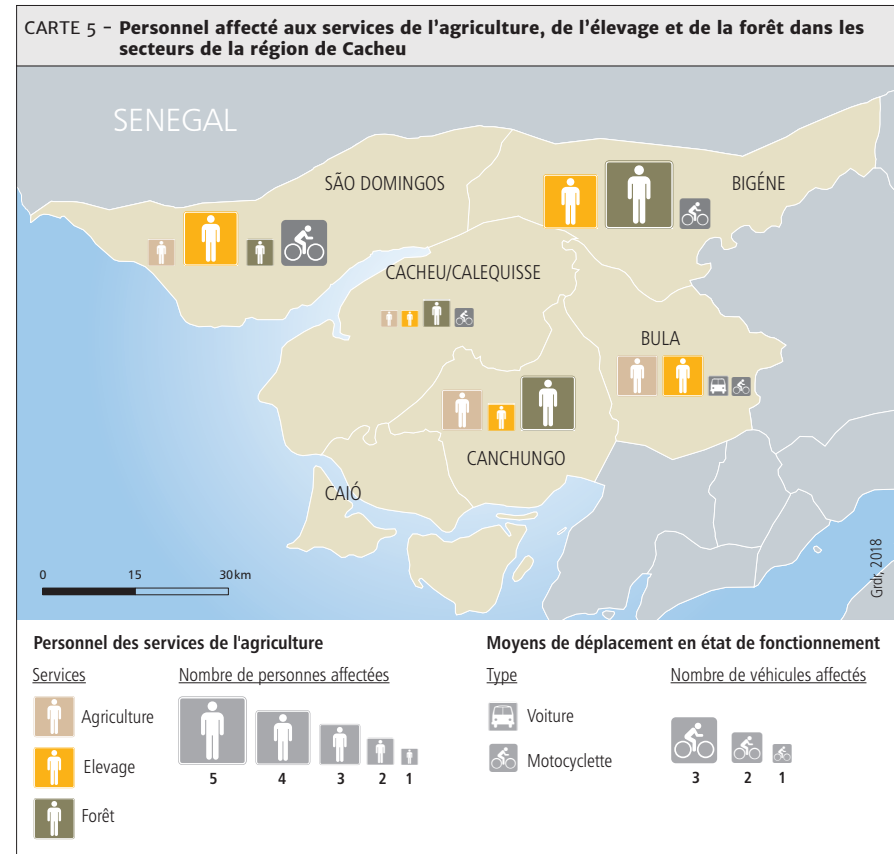
Dans ce contexte, les Organisations de la Société Civile (OSC) jouent un rôle important dans le développement territorial.



Sources : Limites administratives : OCHA ROWCA 2008 ; localités : GPC - Ministère de l'Intérieur, date non connue. NB. Le secteur de Cacheu/Calequise est actuellement subdivisé en deux, mais les limites ne sont pas disponibles.



Sources : Diagnóstico do sector da saúde na região de Cacheu. Comissão temática da saúde, 2017.



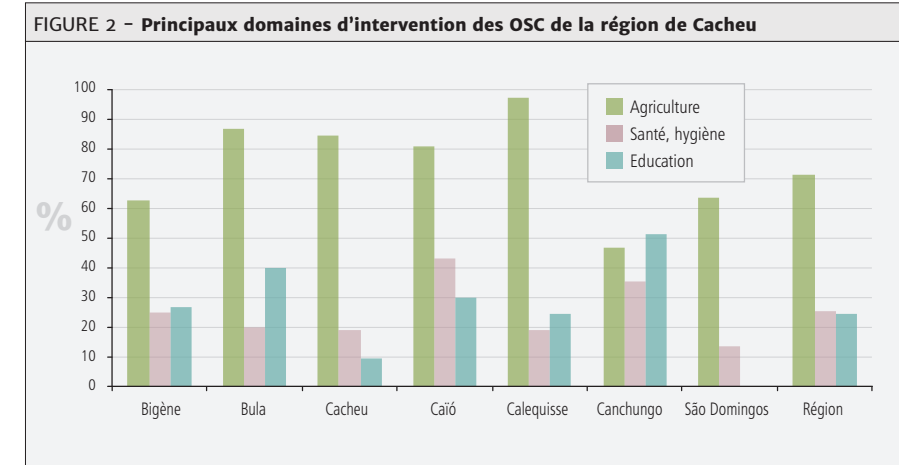
Sources : Diagnóstico do sector da agricultura na região de Cacheu. Comissão temática da agricultura, 2017.

1 Bolama est devenue la capitale de l'ancienne province de la Guinée Portugaise suite à la décision de la couronne portugaise de séparer l'administration du Cap Vert.
 2 Cacheu et Calequisse formaient avant 2014, un seul secteur. Suite à l'élaboration du plan Terra Ranka en 2014, Calequisse est devenu un secteur de la région de Cacheu, indépendant du secteur de Cacheu. Pour cette étude monographique, certaines données du secteur de Calequisse seront couplées avec celles du secteur de Cacheu. Car à ce jour, toutes les données ne sont pas encore actualisées.
 3 Un flou persiste sur les délimitations des sections.
 4 « Village » en créole.
 5 On pourra se référer au plan Terra Ranka pour connaître ces orientations.
 6 Au sens large : production agricole, pêche, élevage, transformation agro alimentaire.

1.2. Le rôle clé des acteurs de la société civile dans le développement territorial

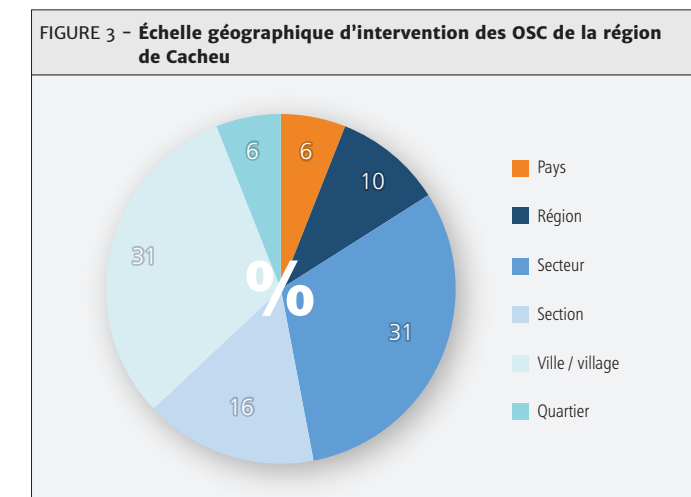
De l'échelle villageoise à l'échelle suprarégionale, on note une forte dynamique d'organisation et de réseautage de la société civile de la région de Cacheu. En 2016, on comptait ainsi plus de quatre cents OSC investissant des domaines divers. Une analyse réalisée sur près de trois cents d'entre elles montre que la plupart sont non spécialisées et concentrent leur action sur trois secteurs : l'agriculture⁶ l'éducation et la santé (figure 2). Elles interviennent pour la plupart d'entre elles à l'échelle de la ville/du village ou de la section (figure 3). Une typologie ébauchée selon la taille et le budget des OSC met en relief une hétérogénéité assez importante (figure 4 et figure 5).

Au niveau des villages et des sections, les groupements féminins et les associations de jeunes (« organisations communautaires de base ») constituent les principaux acteurs du mouvement citoyen local. Ils interviennent surtout dans les domaines agricoles (production maraîchère, prestation de services), des loisirs (organisation de manifestations sportives et culturelles) et sanitaires, souvent en partenariat avec les projets étatiques et les partenaires de coopération internationale.

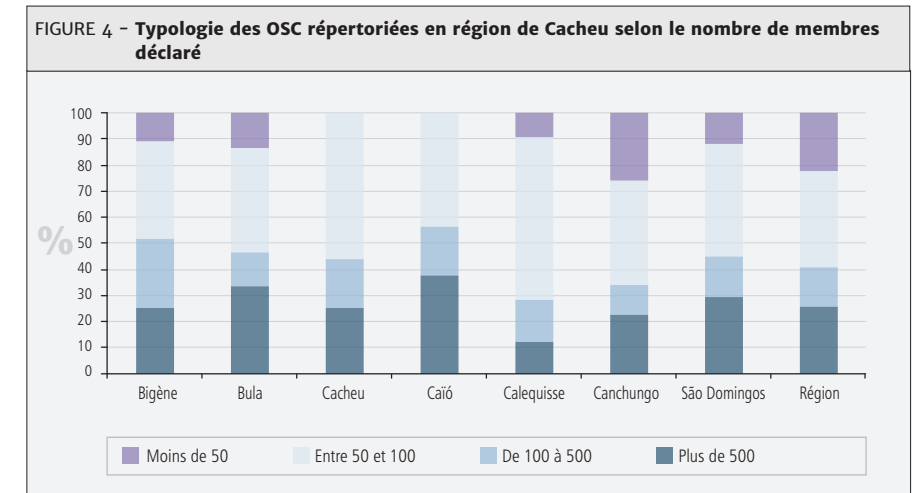


Source : Beillevaire, J & Grdr (2016).

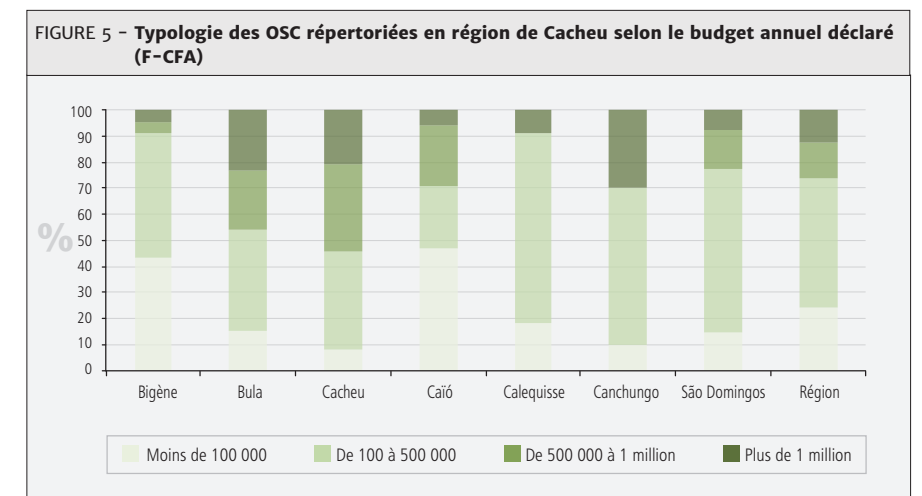
Au niveau des secteurs, on retrouve des associations et des réseaux inter-villageois d'acteurs qui fédèrent plusieurs organisations villageoises et jouent un rôle important de sensibilisation et de formation des citoyens dans les domaines de l'éducation, de la santé familiale et nutritionnelle et de l'environnement. Ainsi elles jouent un rôle important dans la gestion des écoles primaires en tentant de compenser les défaillances de l'Etat dans le domaine : construction d'école, recrutement et rémunération d'enseignants... Ces acteurs sont appuyés au niveau régional par les organisations faitières et les ONG de droit bissau-guinéen comme AD, l'une des plus anciennes, ou la CONGAI (encadré 1).



Source : Beillevaire, J & Grdr (2016).



Source : D'après Beillevaire, J & Grdr (2016).



Source : D'après Beillevaire, J & Grdr (2016).

ENCADRÉ 1 - La CONGAI, acteur pionnier dans la dynamique de regroupement associatif en région de Cacheu

Créée officiellement le 12 novembre 2004, la Confédération des ONG et Associations intervenant au sud du *Rio Cacheu* (CONGAI/RSC) est devenue un acteur clé dans les initiatives de développement régional de Cacheu. Composée au départ de 46 organisations, l'ONG AMIC (Associação dos Amigos das Crianças) et 45 associations locales, son objectif est de servir d'espace de concertation et de coordination entre les acteurs de la société civile actifs en région de Cacheu. A l'origine, son action était limitée dans la partie sud. Son siège basé à Canchungo a été créé en 2008. Auparavant la CONGAI était hébergé dans le Centre de Formation Administrative de la Province Nord (CENFA, actuelle ENA).

Entre autres initiatives menées par la CONGAI, on peut citer :

- **Dans le domaine hydro-agricole** : les premières interventions phares ont été la réhabilitation de la source d'eau de Kum (Canchungo) et la récupération des terres salées des *bolanhas* dans une quinzaine de villages en 2005 et de plus de 6100 ha en 2011. Avec la crise alimentaire de 2008 à 2010, des distributions de semences et de vivres ont été initiées pour appuyer la sécurité alimentaire des ménages vulnérables de la région et créer des jardins scolaires dans plusieurs localités.

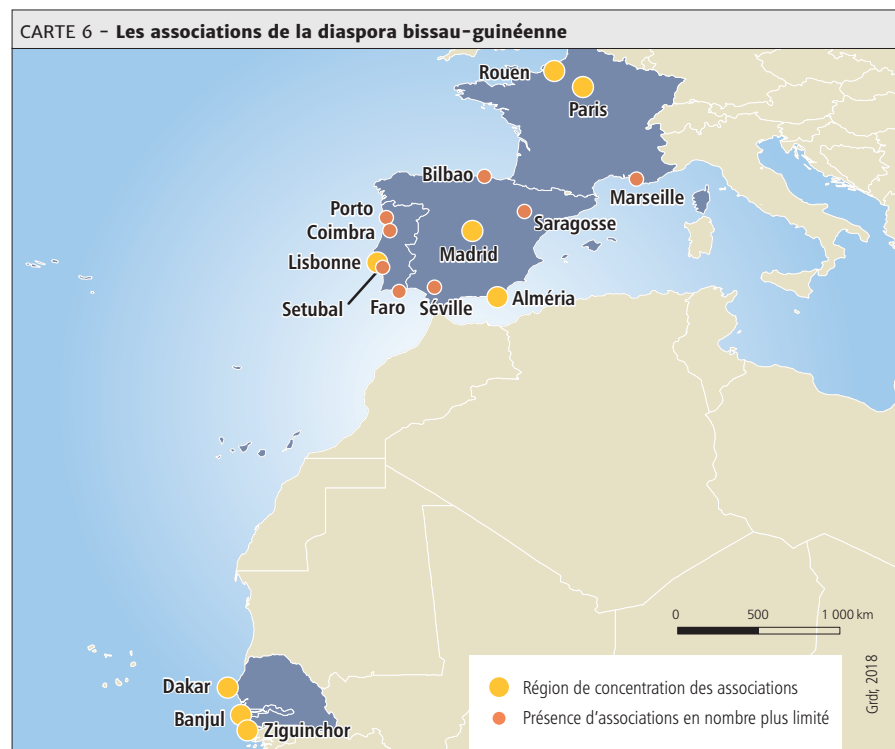
- **Dans le domaine socio-sanitaire** : les travaux d'achèvement du jardin d'enfants de Binhante (2008), la création de la bibliothèque de Canchungo (2006), l'initiation de parlements des enfants dans différents secteurs (2007) constituent des actions clés d'appui au développement des droits de l'enfance. La formation et la sensibilisation sanitaires sur la lutte contre le choléra (2005), appui à la création de la radio de *Babok* (2007) sont autant d'actions citoyennes conduites par la CONGAI.

- **Dans le domaine de la gouvernance citoyenne** : des campagnes de sensibilisation et la formation des femmes pour l'accomplissement de leurs droits et devoirs citoyens ont été menées (2009) à travers toute la région. Aussi, des formations et plaidoyer ont-elles été appuyées pour le désenclavement et l'entretien des infrastructures publiques (2010).

Actuellement, la CONGAI est composée de 86 ONG et associations qui interviennent sur tout le territoire régional. Sur la période récente, elle s'est orientée davantage vers les enjeux économiques de la région de manière à soutenir les initiatives des femmes et des jeunes dans le domaine. La CONGAI a ainsi contribué à l'émergence d'un incubateur de projets économiques qui depuis 2011 a soutenu plus de 150 micro-entrepreneurs.

Sources : Entretiens et document CONGAI (« CONGAI/SRC UNOR-ALING ») ; Relatório sobre vida de CONGAI e suas realizações, 2014).

A l'échelle régionale, plusieurs ONG internationales interviennent en soutien aux acteurs à la base, en partenariat avec des ONG de droit local. Elles sont souvent plus spécialisées que les ONG de droit local à l'image de VIDA qui intervient exclusivement dans la santé. ADPP, établie en Guinée-Bissau depuis la fin des années 1970, ou encore le Grdr, qui intervient depuis 2009 en région de Cacheu suite à la demande de l'Association de Développement de Pelundo en Europe (ADPE), ont toutefois un spectre d'action assez large.



Sources : Données sur les associations : enquête Grdr, 2011. Limite de pays et localités : ESRI. NB. L'enquête a été réalisée sur la base d'unités administratives différentes d'un pays à l'autre. Les informations ont été donc visualisées à travers la localité principale de la zone concernée.

A l'échelle transnationale enfin, la diaspora, à travers les associations créées dans les différents pays d'accueil, agit pour le développement des localités d'origine. Plus d'une centaine d'associations de ressortissants établis en Europe (France, Portugal, Espagne) et dans les pays de la sous région (Gambie, Sénégal) ont ainsi été répertoriées en 2011 (Grdr, 2011b ; **carte 6**). Leurs domaines d'action se rapprochent sensiblement de ceux investis par les OSC établies localement. Plusieurs spécificités sont toutefois à noter. Elles sont souvent plus anciennes et peuvent mobiliser davantage de ressources humaines et financières que les OSC locales. En outre, elles sont également actives dans leur territoire d'implantation à l'étranger où elles essaient en particulier de maintenir la cohésion sociale entre leurs membres (Grdr, 2011a).

ENCADRÉ 2 - Diversité et unité culturelles en région de Cacheu

La région de Cacheu est un lieu de vie de communautés humaines d'origines diverses. Les communautés *diolas/felupes*, *balantes*, *peuls*, *pepels*, *manjacks*, *mancagnes*, *mandingues* comptent parmi les plus anciennes de la région. Elles présentent des diversités culturelles, religieuses et des pratiques d'arts, de langues, de loisirs et de gastronomies riches et variées, encore accentuées par l'arrivée de nouvelles diasporas (wolof, maure,...).

Les savoirs accumulés sur plusieurs générations par les habitants de la région constituent un héritage précieux. Autour de ce patrimoine commun de pratiques d'aménagement de la mangrove, d'exploitation des palmeraies, de techniques de riziculture, d'agriculture itinérante et de pêche, s'est forgée une certaine identité territoriale partagée par les différentes communautés de la région.

Le métissage de ces cultures et l'influence de l'extérieur fait éclore une culture urbaine dans la plupart des localités où des variétés de danses, de musiques (*Gumbé*, *Kuduru*, *Coupé Décalé*, *pop nigériane*) et de sports (football) sont pratiquées surtout par les jeunes ainsi que certains événements périodiques (carnaval, *um de maio* - 1^{er} mai -, cérémonies d'initiation, fêtes d'indépendance et de fin d'année). La langue créole, véhiculaire à l'échelle régionale et nationale, symbolise à elle seule ce métissage et l'ouverture de la région.

1.3. Cacheu, une mosaïque de territoires

L'historique du peuplement de Cacheu et la situation politique prévalant en Guinée-Bissau depuis vingt ans expliquent la persistance de fortes spécificités locales dans l'organisation sociale et les modes de gouvernance territoriale. Dans les secteurs de Caïó, Calequisse et Cacheu, réputés à dominante *Manjack*, les *regulos* jouissent d'un pouvoir significatif, en particulier dans les attributions foncières. Ils pouvaient jusqu'à une date récente mobiliser de la main d'oeuvre extra familiale du fait de leur statut, sans grande contrepartie. Ce rôle est moindre dans la section de São Domingos, à dominante *Felupe*, communauté dont l'organisation sociale est moins pyramidale que celle de la communauté *Manjack*.

Les communautés composant la région partagent néanmoins des traits communs dans leur organisation sociale. Il s'agit tout d'abord de communautés patriarcales et gérontocratiques au sein desquelles le mariage représente une étape obligatoire du cycle de vie. Des logiques strictes (bien que différentes d'une communauté à une autre) de division du travail et des obligations influencent fortement la position sociale des individus et leurs possibilités.

Ces communautés obéissent par ailleurs à des principes communs en matière de gouvernance foncière. L'ancienneté de l'implantation du village et des familles conditionne le poids de ces derniers dans la gouvernance foncière ainsi que leurs droits. Les usagers du foncier disposent de l'usufruit des terres dont ils héritent ou qui sont mises à leur disposition par des tiers. L'usufruit se transmet le plus souvent de père en fils, une fois ceux-ci mariés, avec souvent une priorité donnée à l'aîné. Les femmes peuvent accéder au foncier une fois mariées à travers les parcelles mises à disposition par leur époux ou parents (père, frère).



DÉMOGRAPHIE

EN RÉSUMÉ

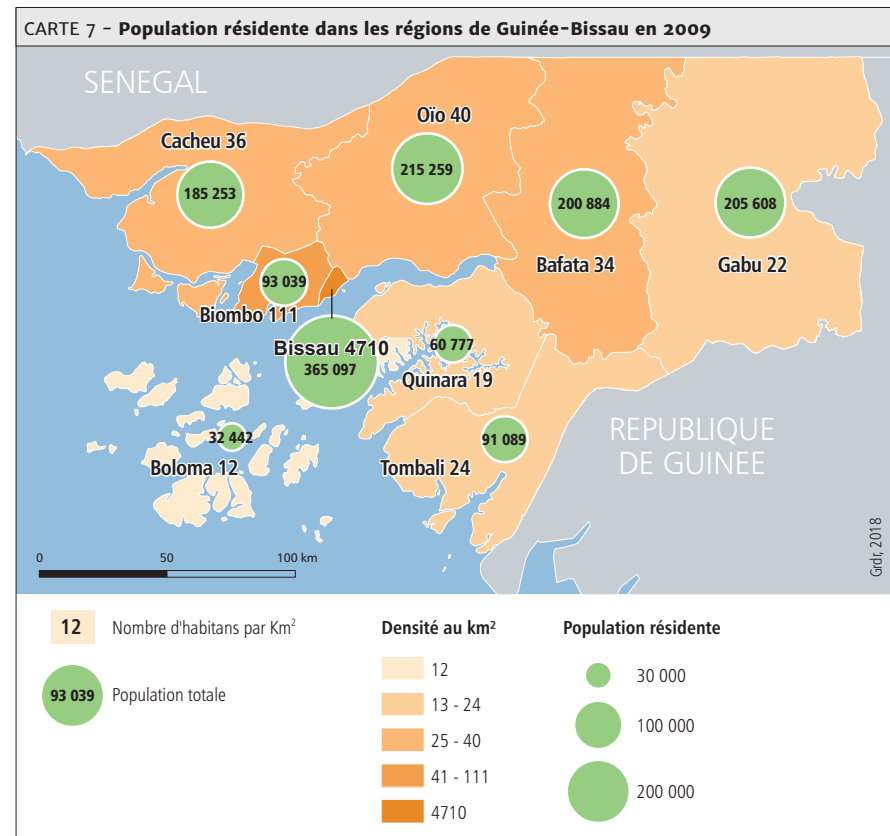
- La population résidente est estimée à environ 220 000 habitants en 2018, soit **50% de plus qu'en 1979**. Cette croissance a été variable selon les zones considérées. Alors que le sud-ouest de la région (secteur de Caió), enclavé par rapport aux axes routiers et éloigné de la frontière avec le Sénégal, a vu sa population stagner, le nord et l'ouest du territoire ont vu celle-ci croître de plus de 50% ;
- En 2009, les moins de vingt ans et la tranche 15-35 ans représentaient respectivement 55% et 33% de la population résidente. **Il n'y a probablement jamais eu autant de jeunes qu'aujourd'hui dans la région, tant en valeur absolue qu'en valeur relative** ;
- **Les dynamiques de circulation sous régionales** (vers et depuis la Guinée, la Guinée-Bissau, le Sénégal, la Gambie), plus que les dynamiques d'émigration ou d'immigration définitives, prédominent dans les flux migratoires touchant la région de Cacheu. Les catégories statistiques se révèlent inadaptées à ce contexte. Des **communautés multi-situées**, comprenant des membres dans différentes régions du monde, ont progressivement émergé depuis la fin du 19ème siècle, à l'image de la communauté de Pelundo dont de nombreux membres vivent au Sénégal (Ziguinchor, Dakar), en Gambie (Banjul), en France (Normandie, Ile-de-France) ;
- La plupart des habitants de la région vit à deux ou trois heures de route de villes importantes comme Bissau (500 000 habitants) ou Ziguinchor (250 000 habitants). La région connaît elle-même une nette **tendance à l'urbanisation** comme en atteste par exemple le développement de la ville de Canchungo. Cette tendance fait émerger de nouveaux besoins, particulièrement en termes d'assainissement et de planification territoriale.

2.1. Une population en croissance

La région de Cacheu comptait en 2009, date du dernier recensement, un peu moins de 190 000 habitants, soit 13% de la population nationale (**carte 7**). Cette population a crû de plus de 40% depuis le premier recensement de 1979. La croissance démographique moyenne annuelle, inférieure à 1% sur la période 1979-1991, a atteint 1,7% sur la période 1991-2009 (**tableau 2** et **carte 8**). Si l'on considère le taux de croissance de la période 1991-2009, on peut estimer que la population résidente avoisine aujourd'hui les 220 000 habitants, d'où une densité régionale supérieure à 4,2 habitants au km².

Cette dynamique positive tient avant tout à la croissance naturelle d'une population déjà établie en 1979 et, dans une moindre mesure à l'afflux de ressortissants des régions et pays voisins (Sénégal, Guinée). La hausse de la croissance naturelle est liée sans nul doute aux progrès sanitaires observés dans la région et à leurs effets induits sur la mortalité infantile (cf. partie V). Bien que le niveau des services de santé demeure très insuffisant, des améliorations significatives sont notées depuis les années 1974.

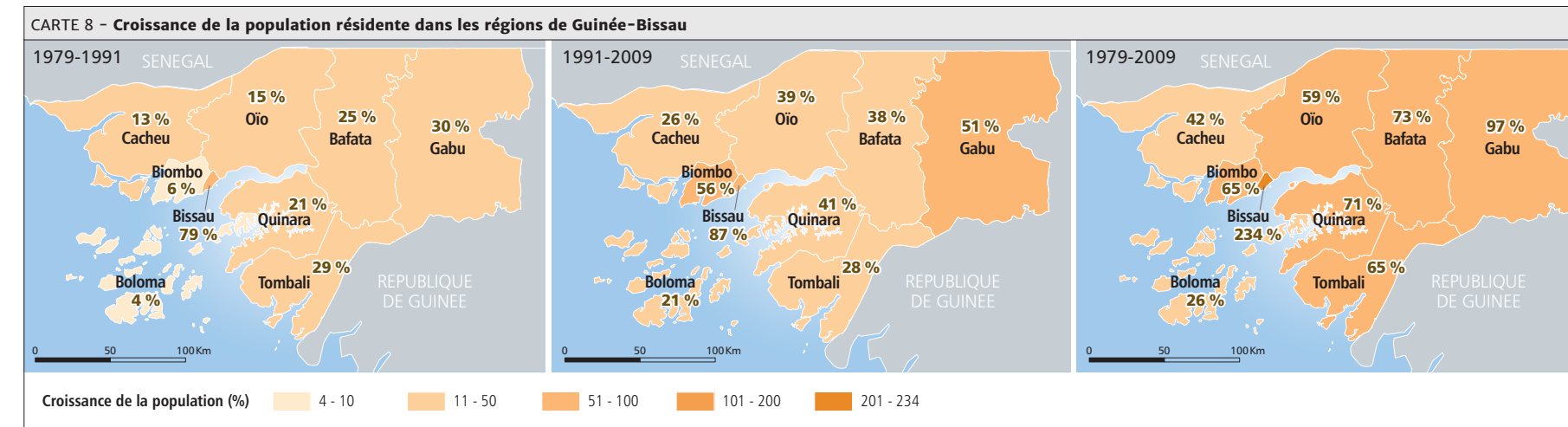
Une analyse comparative à l'échelle des secteurs montre une situation contrastée à un point tel que les moyennes régionales apparaissent peu significatives. Ainsi, les secteurs nord (Bigene et São Domingos) ont connu des taux de croissance dépassant les 50% alors que Caió, au sud de la région, a vu sa population baisser de 6% (**carte 9**). Les densités par secteur varient également fortement, de moins de 20 habitants par km² pour Caió, Calequisse/Cacheu à plus de 40 habitants par km² pour Bula, Canchungo et Bigene (**carte 10**).



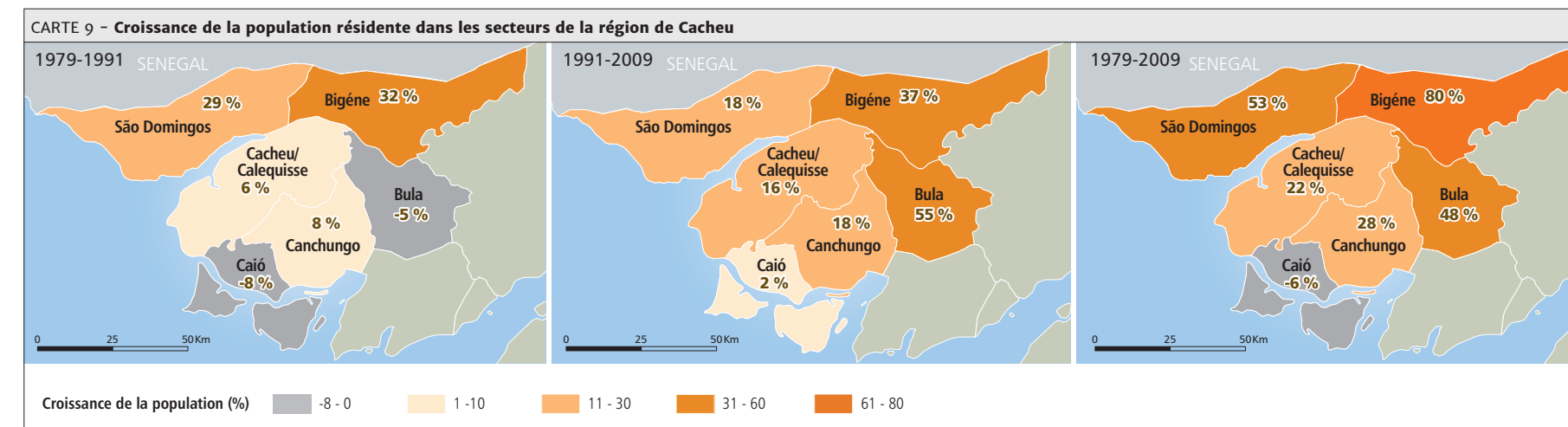
Sources : Limites administratives : OCHA ROWCA 2008. Données sur la population et densités : INEC - Boletim Estatístico da Guiné-Bissau. Guiné-Bissau em números, 2015.

Période	CACHEU	GUINÉE-BISSAU
1979-1991	0,90%	1,80%
1991-2009	1,70%	2,50%

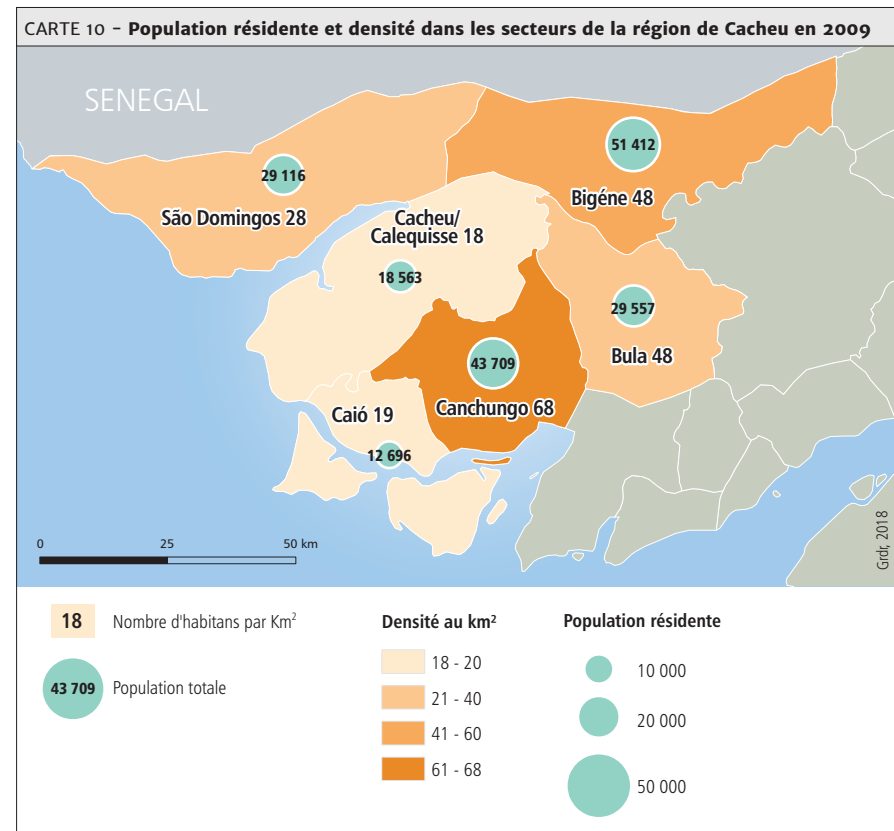
Source : Recensements de 1979, 1991 et 2009.



Sources : Limites administratives : OCHA ROWCA 2008. Données sur la population : INEC - Boletim Estatístico da Guiné-Bissau. Guiné-Bissau em números, 2015.



Sources : Limites administratives : OCHA ROWCA 2008. Données sur la population : INEC - Censos 2009 ; INEC - acquises via www.geohive.com (1979, 1991).



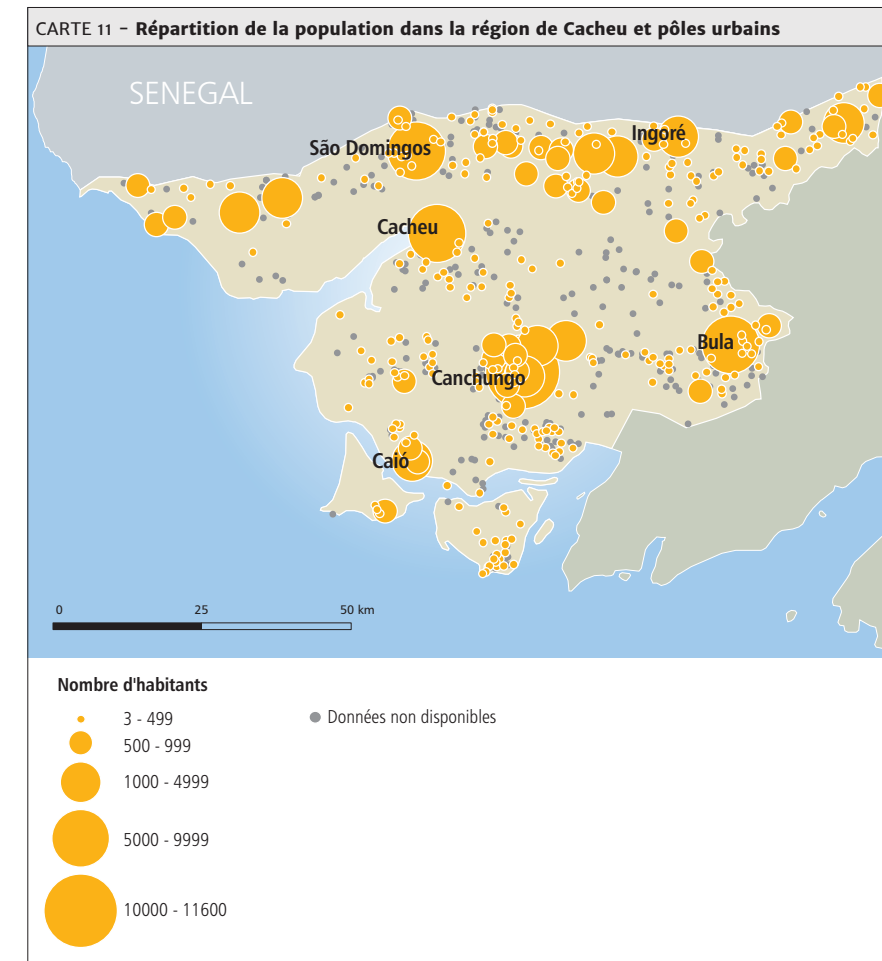
2.2. Le rôle structurant des axes routiers et de la frontière dans les dynamiques de peuplement

Les différences relevées plus haut tiennent principalement au rôle structurant des infrastructures routières et de la frontière dans les dynamiques de peuplement.

Jusque dans les années 1950, l'essentiel du trafic de biens et de personnes s'effectuait par voie fluviale ce qui plaçait les zones insulaires et les plus littorales (actuelle section de Caíó en particulier) au cœur de l'économie locale. Le développement d'infrastructures routières a depuis marginalisé ces régions en polarisant l'essentiel des flux de marchandises et de personnes. Ainsi l'axe São Domingos /Bula, qui se situe dans le prolongement de la trans-gambienne et relie la région à Bissau et à Ziguinchor (Sénégal), est il désormais jalonné des localités les plus importantes (**carte 11** et **carte 12**).

La dureté des conditions de vie en zones insulaires, comme à Djeta où l'accès aux services de base est plus faible qu'ailleurs et qui n'a pas bénéficié du développement touristique comme dans les Bijagos voisines, renforce cette tendance expliquant ainsi le recul de population sur la période 1979-1991 et sa quasi stagnation sur la période 1991-2009 dans le secteur de Caíó.

La frontière joue également un rôle important dans la structuration du peuplement (**encadré 3**).



ENCADRÉ 3 – Hospitalité et refuge de part et d'autre de la frontière : rappel historique

En mars 1908, le village de Varela, dans l'actuel secteur de Saõ Domingo, est attaqué et brûlé par l'armée coloniale portugaise. Les populations se réfugient alors en basse-Casamance voisine. En novembre 1933, les habitants de la zone de Varela sont accusés d'avoir détruit un avion militaire portugais. Les villages de Djufunco, Igim et de Varela Iale sont rasés, entraînant une vague de réfugiés estimée entre 1 500 et 2 000 ressortissants de la région de Suzana-Djufunco vers la basse-Casamance.

Lors de la guerre de libération dirigée par le PAIGC (1960-1973), de nombreux habitants de la région de Cacheu se réfugient à Ziguinchor et s'y installent, pour certains définitivement. Depuis le début du conflit casamançais, en 1982, des mouvements inverses se produisent : la région de Cacheu accueille l'essentiel du flux de réfugiés casamançais. C'est d'ailleurs à Cacheu qu'ont été signés en 1992 les accords de paix entre le Sénégal et le MFDC, après le cessez-le-feu de 1991.

Des écoles ont été créées pour les réfugiés sénégalais notamment dans les secteurs de São Domingos et Canchungo. C'est le cas de l'école adventiste *Béthel* de Canchungo créée en 1996 (Manga, 2016a). Dans le secteur de São Domingos, certains villages sont essentiellement peuplés de réfugiés fuyant le conflit casamançais (**tableau 3**).

En 2009, le HCR estimait le nombre de réfugiés présents en Guinée-Bissau en provenance de zones de conflit à 7 731. Ces derniers, principalement enregistrés dans les secteurs de Canchungo et Cacheu, sont majoritairement sénégalais (7 492). Le reste provient de la Sierra Leone et du Libéria (239) et de la Côte d'Ivoire (65) (Gorée Institute, 2012).

Les tensions intervenues en Gambie au moment de l'élection présidentielle, début 2017, ont généré de nouvelles arrivées en région de Cacheu.

Source : enquête Grdr de 2015-2016.

TABLEAU 3 – Villages de la section de Suzana (nord-ouest de la région de Cacheu) essentiellement peuplés de réfugiés du conflit casamançais et leur origine

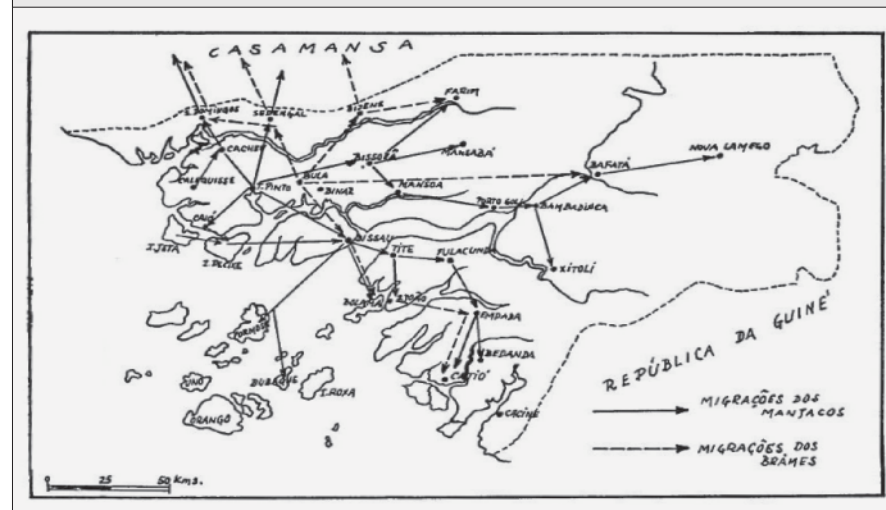
VILLAGES	ORIGINE
Cassu	Youtou (Oussouye), Kaguit, Nyassia (Ziguinchor)
Cassalol	Effoc, Santhiaba-Manjak, Youtou (Oussouye)
Elalab	Kalobone (Oussouye)
Edjaten	Effoc

Source : Enquête monographique site pilote de Suzana, Grdr, 2016.

2.3. Cacheu, terre de départ, d'accueil et point d'étape de mouvements circulatoires sous régionaux

La région de Cacheu, et plus particulièrement les zones de concentration des communautés *Manjak*, *Pepels* et *Mancagnes* (actuelles sections de Caõo, Calequise, Bula et Cacheu), a connu de longues dates des dynamiques d'émigration saisonnière ou de longue durée. Ces mouvements migratoires se sont accentués à compter de la moitié du 19^{ème}, principalement en direction du sud-ouest du Sénégal (basse et moyenne Casamance), de l'est (Oïo, Bafata) ou du sud (Quinara, Tombali) du pays où les hommes originaires de l'actuelle région de Cacheu, majoritaires dans ces flux, s'activaient dans la récolte de caoutchouc sauvage, de l'arachide (*navetanat*), du vin de palme ou dans la culture du riz de mangrove.

FIGURE 6 – Direction des mouvements d'émigration depuis Bula, Calequise, Djetta et Texeiro Pinto (Canchungo) dans les années 1950



Source : Correira, 1962.

Ces mouvements ont progressé durant la première moitié du 20^{ème} siècle du fait en particulier du maintien du travail forcé et de l'impôt jusque dans les années 1960, soit plus de 10 ans après que ces mesures aient été abolies au Sénégal. On estimait dans les années 1950 que plus de 5 000 personnes émigraient chaque année (**figure 6**). La dureté des rapports de production et la relative saturation foncière dans certains *regulos*, les différentiels de prix pour les produits échangés et, bien sûr, la guerre de libération (1960-1973) comptent parmi les autres facteurs explicatifs de ces départs.

Depuis la Casamance, des ressortissants de la région ont ensuite émigré vers la Gambie et Dakar. S'amorceront alors, depuis Dakar, des mouvements à destination des villes portuaires de France (Marseille, Rouen, Toulon...). Les mouvements migratoires se sont depuis diversifiés comme le montrent les informations recueillies dans la section de Pelundo (**encadré 4**).

Le profil migratoire type décrit ci-dessus ne s'applique qu'à une partie de la population régionale. Bien qu'il n'existe pas à ce jour de données chiffrées, il est fort probable que les dynamiques de circulation (émigration ou immigration) de courte durée dominent largement les flux. Un exemple est donné pour des ressortissants du village de Varela Iale (**encadré 5**).

Ces mouvements de circulation sont renforcés par l'allongement de la durée de la scolarisation (départ de jeunes dès le collège) et les opportunités économiques existant dans la région. Les ressources halieutiques et le fort développement de la production de noix de cajou ces vingt dernières années attirent ainsi de nombreux ressortissants de la sous-région (Sénégal, Mauritanie, Guinée, Gambie en particulier).

ENCADRÉ 4 – L'histoire récente des mobilités humaines à Pelundo ou la genèse d'une communauté multi-située

Les premiers habitants de Pelundo, originaires du village de Bassarel, se sont implantés dans la zone bien avant la colonisation portugaise. Dans le courant du XX^{ème} siècle, d'autres groupes originaires de différentes localités de la région de Cacheu et des autres régions de la Guinée-Bissau (Biombo, Tombali, etc.), du Sénégal (région de Casamance) et de la Guinée Conakry ont rejoint cette zone. L'histoire récente de Pelundo est également marquée par des départs vers d'autres régions du pays, de la sous région (Casamance, Dakar, Gambie), du reste de l'Afrique et vers certains pays d'Europe de l'Ouest (France en particulier).

Ces premiers départs remonteraient à la fin du 19^{ème} siècle. Il s'agit essentiellement d'une **migration interne à destination des régions de Bolama, Quinara et Tombali**, réputées riches en caoutchouc, un produit alors très prisé pour l'exportation. Des ressortissants de Pelundo finirent par s'installer définitivement dans ces régions.

Au début du 20^{ème} siècle, une nouvelle vague d'émigration va voir le jour à destination principale de la basse et moyenne Casamance (Sénégal). A cette époque, chaque famille devait à la fois mettre à disposition ses membres les plus actifs pour les travaux forcés (1 ou 2 jours par semaine) et pour les travaux champêtres du *regulo* (1 ou 2 jours par semaine également). Cette situation a été à l'origine des départs vers la Casamance où les ressortissants de Pelundo se sont distingués dans la culture de l'arachide.

C'est à partir de la Casamance que les migrants de Pelundo vont émigrer vers la Gambie et Dakar d'où ils rejoindront plus tard l'Europe de l'Ouest et les Etats-Unis, entre la fin du 19^{ème} et le début du 20^{ème} siècle. Le premier migrant de Pelundo vers l'Occident, Mesba DOLE, serait parti aux Etats-Unis vers 1900 et serait arrivé en France en 1913. A son arrivée en France, Mesba DOLE va trouver une communauté de migrants de Pelundo installée depuis quelques années. Ces ressortissants de Pelundo sont arrivés en Europe grâce à leur travail de matelots dans les bateaux de commerce au port de Dakar. Ils vont pour certains s'installer définitivement et faire venir progressivement les membres de leur famille restés à Dakar, Ziguinchor etc. Jusque dans les années 1980, la France va ainsi être le principal pays d'accueil des migrants de Pelundo en Europe. Et c'est souvent depuis la France qu'ils vont essayer progressivement dans d'autres pays comme le Portugal, l'Espagne, l'Italie, la Belgique, l'Angleterre, la Hollande.

De Dakar, les migrants de Pelundo vont en outre atteindre **d'autres pays africains** comme l'Angola, le Cap-Vert, la Lybie, la Mauritanie, le Maroc, l'Algérie, le Gabon etc. Cette migration intra-africaine aura deux formes en fonction des destinations. Les migrations vers le Maroc et la Mauritanie (principalement à Nouadhibou) sont temporaires car ces pays étaient, au moins jusqu'à une date récente, des zones de transit pour l'Europe de l'ouest. Dans les autres pays d'émigration en Afrique, les migrants de Pelundo vont s'installer comme travailleurs sans forcément envisager de prendre la route de l'Europe.

Ces dynamiques migratoires et d'implantation dans différentes régions d'Afrique et d'Europe de l'Ouest se sont accompagnées de la naissance de plusieurs associations de ressortissants de Pelundo dans le monde, celles-ci ayant notamment pour objet le maintien de la cohésion sociale entre ressortissants de Pelundo et de leurs descendants ainsi que l'entretien des liens avec le territoire d'origine de leurs ascendants. Emerge ainsi une **communauté multi-située** : Pelundo se situe désormais entre Pelundo, Bolama, Quinara, Ziguinchor, Banjul, Dakar, Rouen et Marseille et vit essentiellement à travers la **circulation** de ses ressortissants et affiliés.

Source : Monographie de la section de Pelundo (Grdr, 2009) et Lambert (2008).

2.4. Des jeunes de plus en plus nombreux, une force de travail présente

Ces mouvements illustrent l'intégration de Cacheu à la sous-région (voir aussi partie économie). Ils rendent difficiles le calcul et l'interprétation des chiffres sur « la migration ».

ENCADRÉ 5 – Portrait de migrants saisonniers originaires de Varela Iale. Le vin de palme...

A., 44 ans, marié. A partir de 1987, il est parti pour les saisons de pêche à Cacheu puis, en 1991, en Gambie pour la récolte du vin de palme et ce durant 6 ans, de décembre à mai. Il s'agissait d'aider ses parents : une partie de l'argent qu'il gagnait servait à payer les laboureurs de la famille, du riz pour le foyer familial et du tabac pour son père. Il utilisait une autre partie de son pécule pour lui (sorties). A chaque fois départ, il emportait du riz de la production familiale pour sa consommation familiale. Il a arrêté ce type de migration lorsqu'il est devenu chef de famille.

C., 34 ans, marié. Il a commencé la migration saisonnière il y a un an (2014) à Canchungo pour la récolte du vin de palme. Le motif de son départ est qu'il a contracté une dette pour se faire soigner et qu'il n'avait pas les moyens de payer. A Canchungo, il loge chez son cousin qui est récoltant de vin. Une fois sur place il a demandé aux habitants l'autorisation d'exploiter les palmiers. Il pourrait récolter le vin à Varela Iale mais être loin du village lui permet de se concentrer uniquement sur son activité et de faire de grands profits, le vin se vendant mieux à Canchungo. Il compte utiliser les revenus du vin pour se construire un logement à Iale.

B.D., 34 ans, célibataire. Migrant saisonnier depuis 5 ans à Cabrousse (basse-Casamance) où il récolte le vin de palme. Il part chercher de l'argent pour contribuer aux dépenses de santé de son père qui est malade, pour payer les laboureurs de son père et il garde un peu d'argent pour ses besoins personnels (sorties, soirées...). Le marché du vin de palme est plus important à Cabrousse et le vin s'écoule mieux. Il va y retourner après les récoltes du riz. Là-bas, il loge chez des parents.

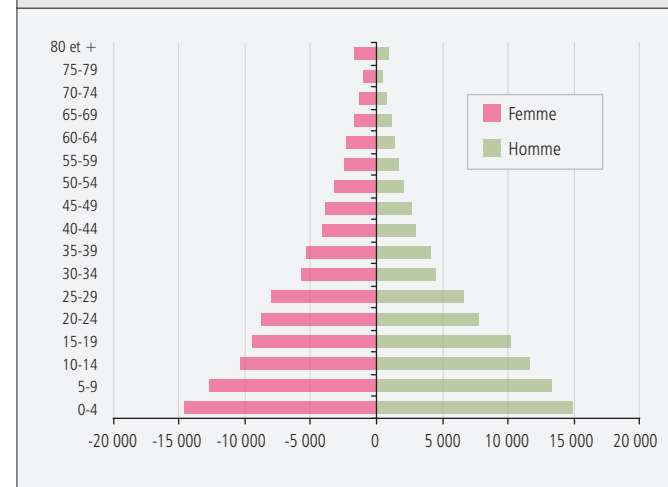
Source : enquête Grdr (2015).

Selon le recensement de 2009, les moins de vingt ans représentent 53% de la population résidente en région de Cacheu (**figure 7**). Cette catégorie n'a probablement jamais été aussi importante qu'aujourd'hui, tant en valeur absolue que relative.

La catégorie des 15-34 ans représente 33% de la population résidente (**carte 13**). A l'échelle des secteurs, on peut noter des taux légèrement supérieurs à la moyenne régionale là où la durée de scolarisation peut s'allonger (présence de lycée comme à Canchungo) ou inférieurs, comme à Caió.

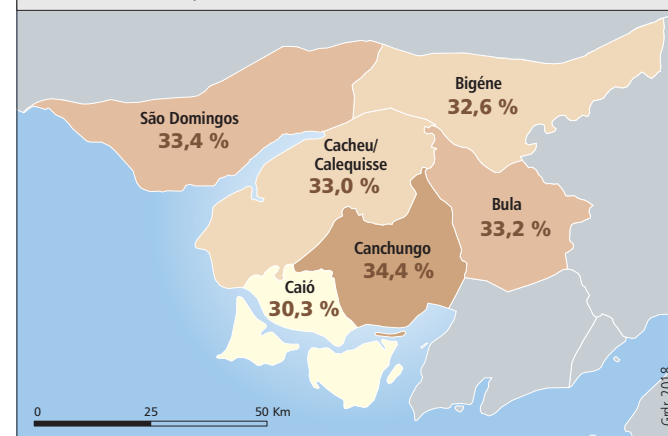
La présence importante de jeunes représente sans aucun doute une ressource essentielle pour l'avenir du territoire et soulève dans le même temps de nombreux enjeux tels que le développement d'une offre de scolarisation adaptée et l'intégration économique des jeunes actifs.

FIGURE 7 – Pyramide des âges de la population résidente en région de Cacheu en 2009



Source : RGPH, 2009.

CARTE 13 – Part de la tranche 15-34 ans dans la population résidente en 2009



Sources : Limites administratives : OCHA ROWCA 2008. Données sur la population, INEC - Censos 2009.

2.5. Une région sous forte influence urbaine

En 2009, la région ne comptait que quatre villes⁷ : Canchungo, Cacheu, Bula et São Domingos. Ainsi, la population urbaine ne dépasse-t-elle pas officiellement 20% ce qui explique que Cacheu soit qualifiée de région rurale.

Toutefois, l'influence urbaine sur la région de Cacheu est très importante du fait en particulier que Bissau (500 000 habitants, capitale du pays) et Ziguinchor (250 000 habitants) se situent à moins de 2 heures d'une majorité d'habitants de la région. Les dynamiques de circulation évoquées plus haut brouillent les distinctions entre milieu rural et milieu urbain.

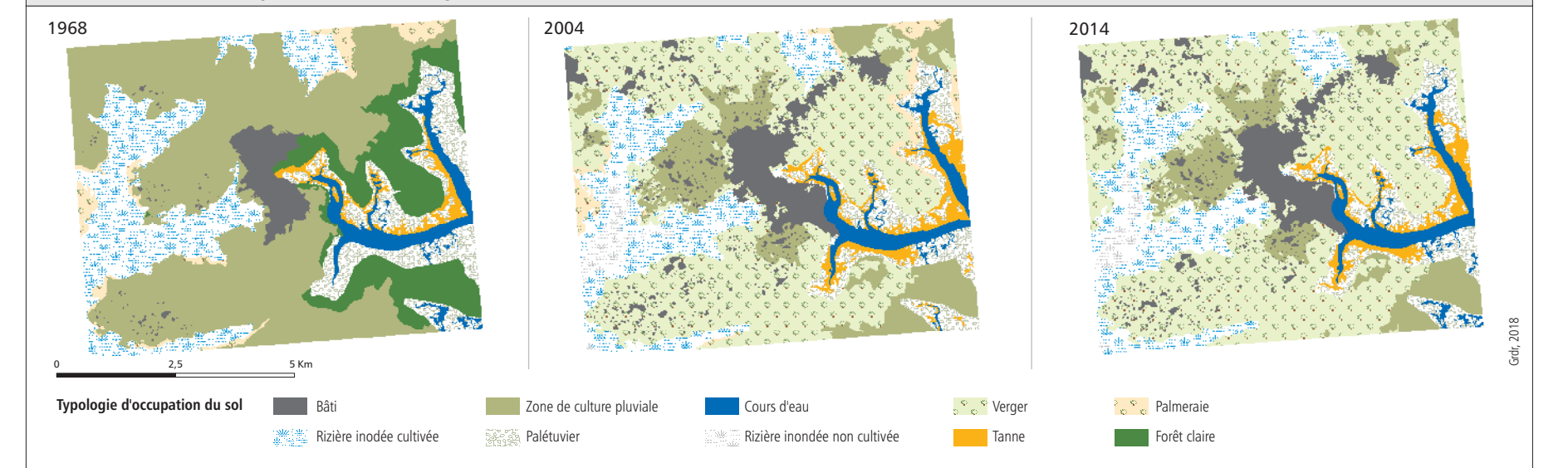
A l'examen des données du RGPH de 2009, trois pôles principaux d'urbanisation apparaissent (cf. carte 10, plus haut) : Canchungo qui compte dans sa périphérie au moins trois localités dont la population dépasse probablement aujourd'hui les 5 000 habitants, l'axe São Domingos-Bigéne qui compte de nombreuses localités en croissance et enfin Bula.

La croissance urbaine se traduit par un étalement du bâti et des infrastructures, orienté et contraint par la configuration d'un réseau hydrographique omniprésent. A Canchungo (**carte 14**), l'extension est marquée autour de l'axe routier reliant le centre de la ville au village de Pelundo (nord-est) ainsi qu'au sud de la ville. Parallèlement, on assiste à une densification des quartiers existants, visible par exemple à la multiplication de construction d'extension aux bâtiments principaux d'habitations. Les autorités administratives ont récemment loti la zone de vergers se situant entre le rio Babok et l'axe Canchungo-Pelundo (est de la ville), le « bairo novo », de manière à faciliter et organiser les projets de construction.

La densification urbaine se traduit par l'émergence de nouveaux besoins, notamment en d'assainissement et plus largement en matière de planification territoriale.

7. Localité de plus de 5000 habitants, selon la législation bissau-guinéenne.

CARTE 14 – Evolution de l'occupation du sol à Canchungo entre 1968 et 2014



Sources : Grdr - Université de Ziguinchor, Etude de l'évolution du sol dans une vingtaine de localités des sites pilote, 2016.



MILIEU NATUREL

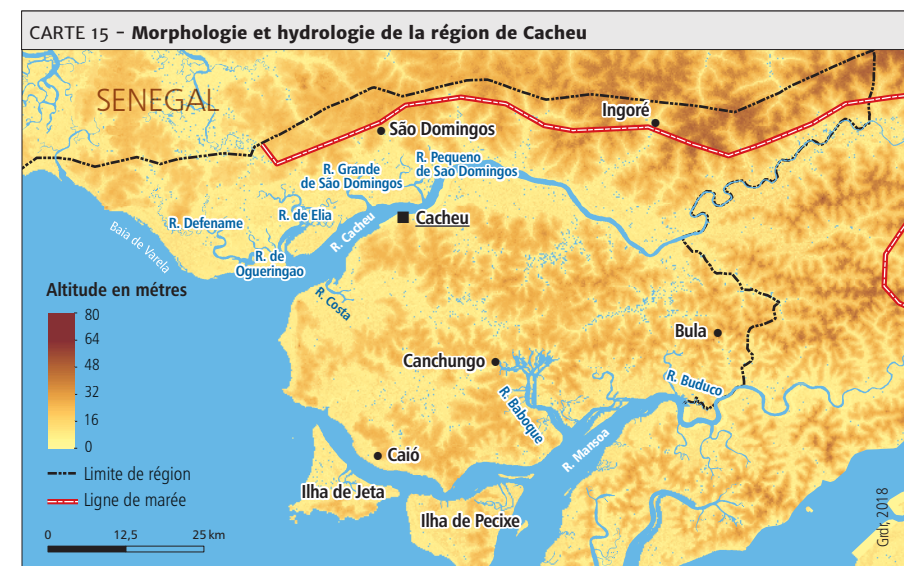
EN RÉSUMÉ

- La région, dont le relief est peu prononcé, vit sous **influence littorale**. Le rio Cacheu, au nord, et le rio Mansoa, au sud, comptent parmi les cours d'eau emblématiques de la région. Le **réseau hydrographique**, alimenté par les marées et les précipitations, **occupe le tiers de la superficie régionale**;
- Cacheu comptait en 2015 cent trente mille hectares de palétuviers, soit **le tiers des mangroves du pays**, une superficie supérieure de 50 % à celle mesurée au début des années 1990. Le Parc Naturel des Tarafes du Fleuve Cacheu avec ses quarante milles hectares de mangrove a été créé en 2000 dans l'objectif de préserver **cet écosystème qui bénéficie autant aux riverains et habitants du parc qu'à des acteurs extérieurs au territoire**. Le parc est ainsi connu pour héberger quantité d'espèces halieutiques, notamment des crevettes, qui sont ensuite capturées au large, principalement par des pêcheurs européens et asiatiques ;
- Dans les zones du plateau, situées hors de l'influence directe des marées, le paysage a évolué de façon significative ces trois dernières décennies du fait du **croît démographique exponentiel de vergers d'anacardiens**. La progression de ces vergers, qui occupent jusqu'à 50% de la superficie de certains terroirs villageois, contribue à l'**appauvrissement de la biodiversité et au recul des palmeraies. La végétation pérenne reste toutefois omniprésente dans le paysage** ;
- Un gisement de **pétrole off-shore** a été découvert dans les eaux territoriales communes au Sénégal et à la Guinée-Bissau. En outre, une mine de **sables lourds**, située dans la zone de Varela, a été exploitée quelques années, jusqu'en 2012. Les externalités environnementales négatives que génèrerait l'exploitation de ces ressources minières et les difficultés de l'Etat à redistribuer les ressources fiscales pour l'intérêt général représentent deux menaces;
- La **pluviométrie annuelle varie de 1 400 à 1 800 mm**, répartis sur environ 90 jours de pluies concentrés sur les mois de juillet, août et septembre. Elle serait ainsi légèrement supérieure à celle mesurée dans les années 1980 mais demeure néanmoins irrégulière. **L'élévation du niveau de l'océan**, phénomène dont la vitesse s'est accentuée dans le courant du XX^{ème} siècle, aura sans nul doute des effets sur le milieu.

3.1. Une région littorale, de mangrove...

La région de Cacheu se caractérise par ses faibles altitudes (0-75 mètres) et son relief peu accentué. Cette situation permet aux eaux de l’océan Atlantique de pénétrer à chaque marée haute dans les rias sillonnant le territoire : le rio Cacheu, au nord de la région, et le rio Mansoa, au sud ainsi que toutes les rias secondaires qui y sont connectées. Ces rias constituent un réseau d’une superficie occupant le tiers de la superficie régionale (1 722/5 175 km²). L’influence des marées se ressent sur l’ensemble de la région (carte 15).

L’eau des rias voit son niveau et sa salinité évoluer cycliquement en fonction de la force des marées et des saisons. La salinité baisse à mesure que l’on avance dans la saison des pluies (juin-octobre) du fait des reports d’eau douce et augmente à l’arrêt des pluies (à compter de novembre).



Sources : Limites administratives : (SALB) / OCHA ROWCA 2008 ; localités : GPC-Ministère de l'Intérieur, date non connue ; MNT : ASTER Global Digital Elevation Model (ASTER GDEM). Dénomination des cours d'eau et des autres éléments physiques : Ministerio do Ultramar - Servicos Cartographicos do Exercito, Guiné Portuguesa 1: 50 000, à partir de 1953. Réseau hydrographique : OCHA ROWCA (<https://data.humdata.org/dataset/guinea-bissau-water-courses>) et Ministerio do Ultramar - Servicos Cartographicos do Exercito, Guiné Portuguesa 1: 50 000, à partir de 1953.

Autrefois voies de transport importantes, ces rias sont riches de ressources halieutiques : crevettes (pour le rio Cacheu en particulier), tilapia, mullet,... Elles sont en outre souvent bordées de palétuviers, « arbres amphibies » connus pour héberger de nombreuses espèces animales et végétales et pour leur haute capacité à stocker du CO₂. Depuis l'avènement du concept de service éco-systémique⁸ et du développement d'une économie du carbone, dans les années 2000, les palétuviers, souvent dénommés de façon courante « mangrove », font l'objet d'une attention particulière.

La Guinée-Bissau est le pays au monde dont la superficie en palétuviers ramenée à la superficie globale est la plus importante⁹. Sur les 350 000 hectares de palétuviers que comptaient le pays en 2015, 130 000 (soit plus de 35% du total) se situaient en région de Cacheu. La richesse de milieu a conduit à la création d'un parc naturel au nord de la région (encadré 6), espace qui compte à lui seul 40 000 hectares de palétuviers (le *Rhizophora racemosa*, l'*Avicennia africana* et le *Laguncularia racemosa*).

Cette zone de mangrove a fait, de longue date, l'objet d'un aménagement poussé par l'homme qui l'utilise en particulier pour la culture de riz. L'aménagement consiste en premier lieu en l'érection d'une digue de ceinture puis au défrichage, au brûlis et au dessouchage des palétuviers se trouvant au niveau de l'espace ainsi protégé de l'eau des rias. Il s'ensuit un travail de casierage et de barrage des chenaux alimentés par les eaux de pluies ainsi que par l'eau des rias quand celles-ci pénètrent dans le périmètre aménagé. Parallèlement à la conception de ces aménagements visant à gérer les rentrées et sorties de l'eau des rias et le barrage ou les drainages des eaux de pluie, des variétés de riz sauvages ont été progressivement domestiquées donnant naissance à des « riz africains ». Le panel des variétés de riz africains a depuis le XV^{ème} siècle été enrichi par l'introduction de variétés dites « asiatiques ».

La typicité des paysages des rizières de mangrove et l'originalité du système de culture qui s'y pratique, à l'interface entre eaux douces et eaux saumâtres, a fortement marqué les observateurs extérieurs à la région.

Les sols de marais sont à nette dominante argileuse et soumis à des phénomènes d'acidification et de salinisation que les usagers du milieu valorisent (saliculture) et/ou tentent de réguler dans les rizières. L'eau douce apportée par la pluie permet de lessiver les premiers centimètres de sol en début de cycle pluvial. Les rentrées

d'eau saumâtre en saison sèche permettent quant à elles de réguler les phénomènes d'acidification.

Les superficies en palétuviers, régressives de 1978 à 1990, connaissent depuis une croissance régulière à un point tel que la superficie actuelle dépasseraient celle estimée à la fin des années 1970 (figure 8).

ENCADRÉ 6 - Le parc naturel des mangroves du fleuve Cacheu

Créé en 2000 à travers le Décret n°12/2000 du 04 décembre 2000, le Parc Naturel des Mangroves du Fleuve Cacheu est la zone de plus grande concentration des mangroves de toute l'Afrique Occidentale (PAN/LCD, 2010). Plus connu sous le nom de Parc naturel de « *Tarrafes* » de Cacheu (PNTC), il s'étend sur 886,15 km², soit 17 % de la superficie régionale (cf. carte en introduction). Il est essentiellement composé de mangroves (68 % du territoire). Ces mangroves constituent un écosystème essentiel pour les populations riveraines, qui s'y procurent l'essentiel de leurs ressources, mais également pour des acteurs extérieurs à la région. Ainsi, jusqu'à 12 tonnes de carbone par an peuvent être fixés par hectare de mangrove ce qui contribue à l'atténuation du changement climatique (Twilley et al. 1992).

À travers cette réserve naturelle, la région de Cacheu dispose par ailleurs d'une riche variété d'espèces protégées. En effet, elle constitue l'un des principaux centres d'observation des oiseaux au niveau mondial. Ses sites ornithologiques accueillent un grand nombre d'oiseaux migrateurs dans la région (248 espèces d'oiseaux ont été identifiées en 2014 par une étude de l'UICN).

Le PNTC concentre par ailleurs d'importants sites naturels de refuge et de reproduction de nombreuses espèces de poissons, mollusques et crustacés, notamment les crevettes qui représentent une espèce de première importance économique pour les populations riveraines mais aussi pour les pêcheurs étrangers.

En plus de cette faune aviaire et aquifère, ce parc compte de nombreuses espèces rares et protégées de mammifères telles que l'hippopotame (*hippopotamus amphibius*), le lamantin (*trichechus senegalensis*), les crocodiles du Nil (*crocodylus niloticus*) et nain (*crocodylus tetraspis*), le dauphin à bosse (*sousa teuzsii*) et le grand dauphin (*tursiops truncatus*), le guib harnaché (*tragelaphus scriptus*) et les singes verts (*cercopithecus aethiops*) (UICN, 2008).

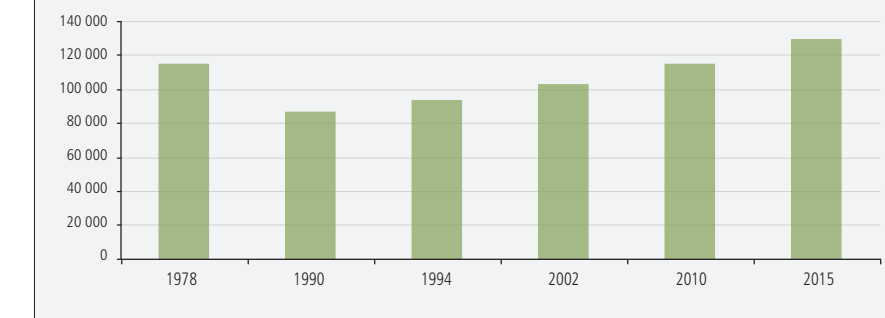
Récemment, le PNTC a coordonné un travail de zonage participatif des territoires de pêche et a ainsi élaboré un règlement différentiel selon les rias et l'origine des pêcheurs. Les pêcheurs réputés autochtones bénéficient ainsi d'un accès privilégié à la ressource.

Source : site Internet de l'IBAP.

La tendance régressive observée durant les années 1980 s'explique par la conjoncture de plusieurs facteurs. D'une part, par la stabilisation et le retour de nombreuses personnes dans leur village d'origine suite à la libération du pays¹⁰ et, d'autre part, par l'évolution du régime pluviométrique. Baisse et irrégularités des précipitations marquent cette période et affectent la salinité des eaux et des sols et par là l'occupation du sol en zone inondée. Depuis les années 1990, la pluviométrie aurait tendance à reprendre et serait surtout moins irrégulière que dans les années 1980. En outre, le déclin relatif de la riziculture de mangrove, explicable par la pénibilité de l'activité et le développement d'une alternative (la noix de cajou), a depuis favorisé la recolonisation de certaines rizières par les palétuviers.

On note toutefois localement la persistance d'une pression relativement forte sur le bois de palétuvier, notamment dans les zones de fumage de produits halieutiques (voir partie 4).

FIGURE 8 - Evolution des superficies de palétuviers en région de Cacheu de 1978 à 2015



Source : D'après Temudo & Cabral (2017).

8. Les services éco-systémiques et écologiques correspondent aux services rendus aux hommes par les écosystèmes, approche retenue par le Millennium Ecosystem Assessment (« Ecosystem services are the benefits people obtained from ecosystems » : Millennium Ecosystem Assessment, 2005, p. V).

9. La superficie de palétuviers représentait plus de 10% de la superficie nationale en 1990.

10. La guerre de libération a duré de 1960 à 1973. Elle s'est ainsi traduite par une « déprise agricole » de près de 15 ans d'où une progression forte des jachères/forêts sur le plateau et des palétuviers en zone inondable. Aussi, la situation observée en 1978, 4 années seulement après l'arrêt de la guerre, apparaît exceptionnelle. Le recul de la classe « forêt sèche dense » (dont une majorité correspond sans doute à des jachères) marque la reprise de l'activité agricole et, avec elle, des pratiques d'abattis-brûlis sur le plateau tandis que le recul de la classe « palétuviers » marque la reprise de la riziculture de mangrove.

3.2. ... de palmeraies et de vergers

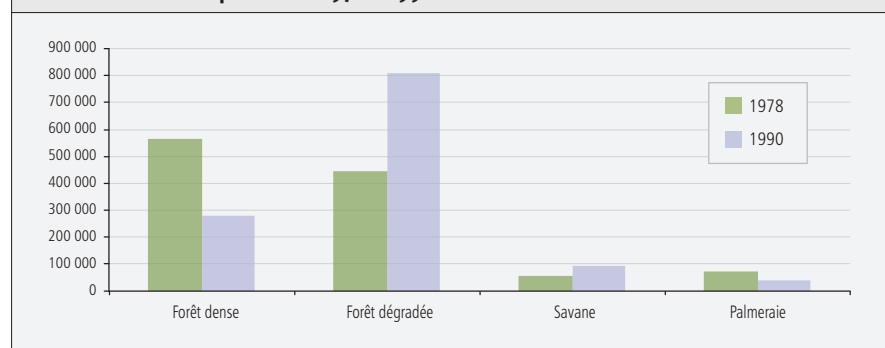
En amont se situe ce que l'on appelle communément « le plateau », une zone non inondable. Cette partie, qui concentre la plupart des infrastructures et habitations, est considérée comme une zone de forêt. Mais les usages de l'espace y sont dans les faits multiples : agriculture pluviale, élevage, chasse, cueillette,... Les sols sont le plus souvent limono-argileux.

Enfin, à la jonction du plateau et du marais se trouve une « zone de transition » de pente faible dont l'usage se rapproche de celui du plateau. C'est à ce niveau que se concentrent, dans certaines localités, les palmeraies, les cultures maraîchères, les pépinières des rizières de mangrove...

ENCADRÉ 7 - Diversité des terroirs villageois et de leur degré de littoralité¹¹

Dans les villages de la région de Cacheu, les zones de plateau, de transition et de mangrove sont valorisées de façon complémentaire par les producteurs. Néanmoins, l'importance relative des superficies de plateau par rapport aux superficies de marais varie grandement d'un terroir à un autre¹². Ce ratio symbolise en quelque sorte le degré de littoralité du terroir.

FIGURE 9 - Evolution des superficies (ha) des ressources forestières en région de Cacheu sur la zone de plateau de 1978 à 1990



Source : Diombera (1999).

11. Degré de « Littoralité » d'un terroir: représente le poids des activités menées dans les zones inondées par l'eau des marées (temps de travail, revenus matériels et symboliques) dans les systèmes d'activités des familles établies dans le terroir.

12. Et sans doute aussi d'une famille à une autre.

13. Voir les études d'Amílcar Cabral publiées dans les années 1950 à ce sujet.

L'étude de la dynamique des ressources forestières au niveau du plateau fait ressortir des tendances comparables à celles établies pour les zones de palétuviers : on observe un net déclin des catégories « forêts denses » entre 1978 et 1990 au profit des catégories « forêts dégradées » et « savanes », phénomène attribuable à la reprise des activités agricoles (**figure 9**).

Les quelques travaux récents qui permettent d'appréhender les dynamiques d'occupation du sol en zone de plateau depuis les années 1990 concluent à une nette progression de la classe « espace boisé » (Cabral & Costa, 2017; Grdr, 2017). Cette conclusion s'explique avant tout pour l'extension des vergers d'anacardiers constatée ces vingt dernières années (voir partie 4). La progression des vergers se fait au détriment de superficies cultivées en pluvial (c'est-à-dire des classes « jachères » et « cultures pluviales »). Elle témoigne ainsi indirectement du recul de la pratique d'abattis-brûlis, réputée dès les années 1950 pour ses effets néfastes¹³.

L'implantation de vergers denses, pratique limitant la levée des graminées et limitant ainsi les travaux de désherbage, se traduit par un appauvrissement de la biodiversité et favorise le vieillissement et le recul des palmeraies.

3.3. Les ressources non renouvelables : pétrole et sables lourds

Un important gisement de pétrole off-shore a été découvert dans les eaux territoriales communes au Sénégal et à la Guinée-Bissau qui envisagent de l'exploiter en commun (voir carte 1 et Grdr, 2017). En outre, une mine de sables lourds dans la zone de Varela, utilisée pour la production de minerais rares tels que l'ilménite, le zircon ou le rutile brut, a été exploitée jusqu'en 2012, jusqu'à qu'un décret présidentiel annule le permis octroyé.

L'exploitation de telles ressources et les externalités environnementales négatives qu'elle ne manquerait pas de générer représente une menace pour une large

majorité d'habitants de la région. Elle ne manquerait pas d'affecter négativement les ressources halieutiques, un des poumons économiques de la région, alors que les retombées fiscales du secteur n'auraient que des faibles effets compensatoires du fait en particulier de l'instabilité politique prévalant en Guinée-Bissau.

3.4. Une difficile prospective climatique

Durant une période récente, la pluviométrie a varié de 1 400 mm à 1 830 mm environ répartis sur une période annuelle moyenne de 92 jours. Cette pluviométrie serait en augmentation si on la compare à celle des années 1980 et surtout plus régulière qu'à cette époque. Elle demeure néanmoins aléatoire.

L'élévation du niveau marin est une des conséquences du réchauffement climatique résultant de deux phénomènes principaux : la dilatation de l'eau de mer, liée au réchauffement de l'eau, et la fonte des glaces terrestres. La hausse annuelle constatée sur le 20^{ème} siècle est de 2 mm. Celle-ci aurait eu tendance à augmenter durant les décennies les plus récentes (**Tableau 4**).

Cette dynamique du niveau marin a des implications sur les milieux de marais en Guinée-Bissau. Si la nature exacte et l'ampleur de celles-ci restent à préciser, deux d'entre elles peuvent être intuitivement déduites.

Cette hausse génère notamment des temps de submersion plus longs et contribue ainsi à influencer le peuplement végétal, particulièrement les palétuviers. Ainsi, les peuplements de Rhizophora, espèce qui résiste à des temps de submersion plus longs qu'Avicenna, seront probablement favorisés.

Elle a également des impacts sur les aménagements hydrauliques, en particulier les digues de ceinture, avec des risques de submersion plus fréquents, à hauteur de digue constante.

A terme, la hausse du niveau marin pourrait également se traduire par une remontée d'un biseau salé qui contaminerait les nappes phréatiques d'eau douce.

TABLEAU 4 - Vitesse moyenne d'élévation de l'océan atlantique depuis 1901	
PÉRIODE	VITESSE MOYENNE D'ÉLÉVATION (mm/an)
1901-2010 (1)	1,7
1971-2010 (1)	2
1993-2004 (2)	2,67
1993-2015 (2)	3,03
2004-2015 (2)	3,49

Source : Réseau Action Climat.

ENCADRÉ 8 - Diversité des terroirs villageois et de leur degré de littoralité

Les températures moyennes varient peu au cours de l'année (26-27°C). En revanche, **l'amplitude thermique** entre températures hausses et basses évolue significativement. Elle avoisine les 15°C en saison sèche froide, de décembre à février (18-32°C) alors qu'en saison sèche chaude (mars-mai) et pluvieuse (juin-octobre), elle est inférieure à 10°C (23-30°C).

L'humidité relative de l'air augmente de janvier (34%) à août (80%) et redescend jusque décembre (44%). **L'ensoleillement** est maximal de mars à mai (plus de 9 heures par jour) et minimal en août (moins de 4 heures), du fait de la couverture nuageuse.

Source : <http://www.guinea-bissau.climatemps.com/> consulté le 22/02/2018



IV. ECONOMIE

EN RÉSUMÉ

- Cacheu est **la première région productrice de noix de cajou de Guinée-Bissau**, avec quarante cinq milles tonnes de noix brutes exportées en 2015, soit près du 1/4 de la production nationale. La région concentre en outre plus de **40% du parc piroguier artisanal**, demeure la **première région productrice d'huile de palme** et la **deuxième région céréalière du pays**, du fait de sa production rizicole ;
- Bien que la noix de cajou occupe une place croissante dans l'économie régionale, la diversité des produits échangés au niveau des **marchés hebdomadaires** qui maillent le territoire régional atteste d'une **relative non spécialisation**. Les **exploitations agricoles familiales**, qui assurent l'essentiel des productions **agro-halio-sylvo-pastorales** de la région, sont autant **connectées aux réseaux marchands mondiaux** (noix de cajou), **sous régionaux** (huile de palme, produits halieutiques transformés) **que locaux** (élevage, fruits domestiques et de cueillette, produits halieutiques frais, charbon...).

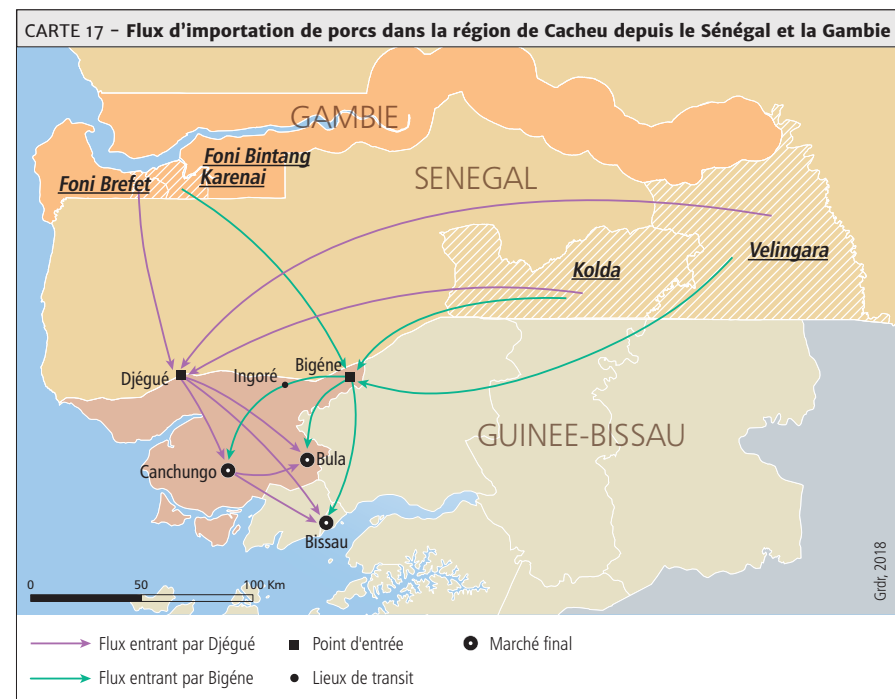
4.1. Cacheu, une région intégrée aux réseaux marchands sous régionaux et mondiaux

La proximité de la région de Cacheu avec des ports importants, Bissau et Banjul (Gambie), du marché sous régional de Diaobé (haute-Casamance, Sénégal) et de villes importantes (Bissau, Ziguinchor...) ainsi que l'amélioration des infrastructures routières favorisent l'intégration du territoire aux flux sous régionaux et mondiaux. Cette intégration, très ancienne (Hochet, 1981 ; Havickn 2016), est palpable, que l'on considère les mouvements de personnes (voir partie sur la démographie) ou de marchandises.

La région est ainsi maillée d'un réseau de marchés hebdomadaires (« *lumo* ») dynamiques, connectés aux flux commerciaux nationaux et sous régionaux (**carte 16**). En 2011, le *lumo* de Bula enregistrait un volume de transaction estimé en moyenne à 17,5 millions de F-CFA (environ 27 000 euros) par jour d'ouverture ce



Sources : Limites administratives : OCHA ROWCA 2008.
Informations sur les marchés : ENDA, 2009 ; Grdr, Situação de base da economia local e de mercado de emprego na região de Cacheu, 2015.



Sources :
Limites administratives : OCHA ROWCA 2008.
Informations sur les importations de porc : Bock, 2015, Situação de base da economia local e de mercado de emprego na região de Cacheu: Análise, perspectivas e principais desafios.

qui le positionne comme le plus important du territoire (Camara & Camara, 2011)¹⁴. Bigéne, spécialisé dans le commerce transfrontalier de bétail (**carte 17 & encadré 9**), et Ingoré apparaissent comme deux autres marchés importants.

Les échanges concernent pour l'essentiel des produits du crû : produits de cueillette (fruit de baobab,...), de l'agriculture (agrumes, bananes, arachides, haricots, huile et vin de palme...), de l'élevage (volaille et ruminants) et de la pêche. Cette diversité de produits illustre la non spécialisation économique de la région.

14. Selon l'étude ici considérée, Diaobé, l'un des principaux marchés de la Ségambie, enregistrait un volume de transaction de 24 millions de F-CFA.

ENCADRÉ 9 - L'importance du commerce de bétail en région de Cacheu à travers l'exemple d'une commerçante de porcs implantée à Canchungo

La consommation de viande reste rare dans le régime alimentaire dominant dans la région, les produits halieutiques et les légumineuses (haricots en particulier) apportant l'essentiel des protéines. La viande (chèvres, porcs, bovins) est néanmoins consommée en grande quantité lors de fêtes, notamment à l'occasion des *tokathiourou*, cérémonies funéraires généralement célébrées entre janvier et juin chaque année. Ce marché saisonnier est alimenté pour partie par la production locale mais aussi à travers des imports du Sénégal et de Gambie (**carte 17**).

A.M., commerçante âgée de 52 ans établie à Canchungo, s'est spécialisée depuis 2009 dans l'import et la revente de porcs et de chèvres. Elle s'associe généralement à quatre autres femmes, implantées à Bula et Bissau, avec lesquelles elle se rend dans les zones de production au Sénégal (villages du département de Velingéra dans la région de Tambacounda). Cette association leur permet de réaliser des achats en gros, donc d'obtenir de meilleurs prix, et de louer une camionnette pour le transport jusqu'en Guinée-Bissau.

A.M. achète généralement une vingtaine de porcs par voyage pour un montant d'environ 160 000 F-CFA. Elle précise que ses bénéfices varient en fonction du prix du marché et des aléas (sanitaires en particulier). Au plus fort de la demande, lorsque les prix sont élevés à Canchungo, elle estime réaliser entre 250 000 et 300 000 F-CFA de bénéfice par voyage. Elle effectue jusqu'à deux voyages par mois en période haute mais précise que les volumes écoulés baissent pendant la saison des pluies, période durant laquelle elle élève des porcs et cultive.

A.M. pointe deux contraintes principales à cette activité. D'une part la nécessaire maîtrise de la conduite des porcs (alimentation, santé) et, ensuite, l'application de « droits de douanes » à l'entrée en Guinée-Bissau, qu'elles jugent élevés.

A.M. indique enfin que grâce à ce commerce elle est en mesure de payer la scolarisation de deux de ses filles dans un établissement de Bissau où elles étudient l'informatique et le tourisme.

Source : enquête Grdr, 2016.

4.2. La pêche, secteur emblématique de l'intégration économique de Cacheu

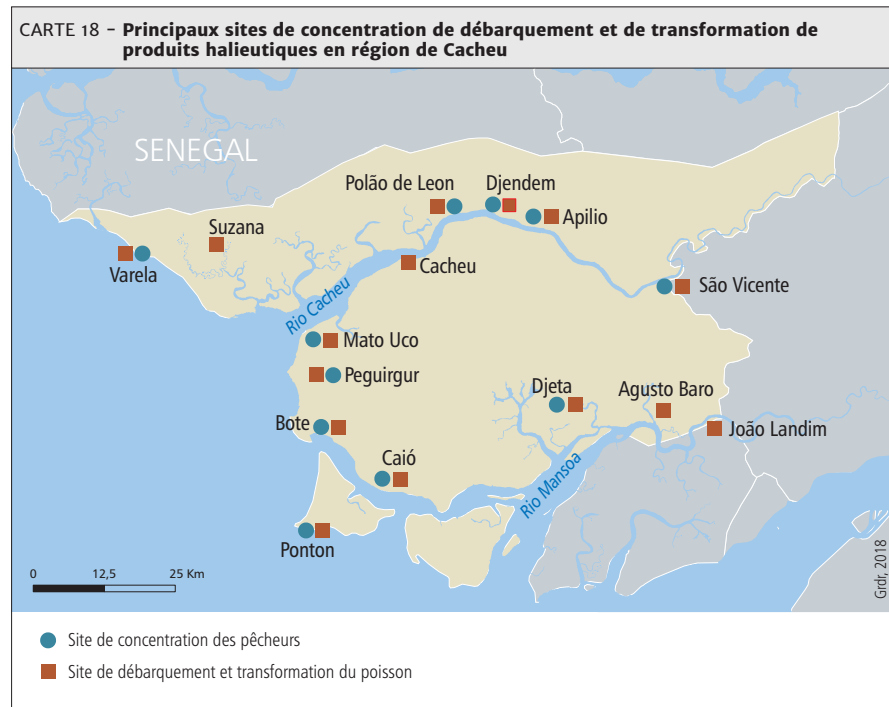
La forte demande en produits halieutiques à l'échelle locale, nationale sous-régionale et mondiale et la richesse des eaux littorales et « intérieures » de la région de Cacheu expliquent le dynamisme de ce secteur.

La région concentrerait 40% du parc piroguier national, soit 900 des 2 400 pirogues recensées, et le tiers des pêcheurs « artisanaux » (7 300 sur 2 500 pêcheurs). Sur les 900 pirogues recensées, près de 200 seraient basées dans le seul port de Cacheu. Ces pêcheurs, pour l'essentiel originaires de Guinée-Bissau, sont en général équipés de pirogues monoxyles non motorisées, et exploitent, de façon saisonnière lors de sorties journalières, les eaux « intérieures » ou situées à proximité des côtes (UEMOA, 2016).

Plus au large, dans la zone économique exclusive, des pêcheurs spécialisés équipés de pirogues adaptées pour de longues sorties, originaires pour l'essentiel du Sénégal, exploitent les eaux bissau-guinéennes. Ceux-ci cohabitent quelquefois avec des armateurs européens (Espagne, France) et asiatiques (Chine, Corée du sud...). Alors que les acteurs sénégalais destinent l'essentiel de leurs captures au marché local ou sous régional, les acteurs européens et asiatiques visent leur marché domestique (Grdr, 2017).

D'après une estimation de l'UEMOA, 60% des prises des pêcheurs artisanaux établis en région de Cacheu se vendraient en frais sur les marchés locaux et 35% seraient transformés, pour l'essentiel par la technique du fumage. Pas moins de quinze sites de transformation ont ainsi été recensés en 2017 dans la région (**carte 18**). Varela compte parmi l'un des plus importants d'entre eux (**encadré 10**).

La récolte et la transformation de coquillages, particulièrement d'huitres de mangrove, assurée par des femmes de la région a également un poids significatif tant au plan alimentaire qu'économique pour le territoire régional.



Sources :
Limites administratives : (SALB) / OCHA ROWCA 2008 ; localités : GPC - Ministère de l'Intérieur, date non connue ;
Données sur les activités halieutiques : enquête Grdr, 2017.

ENCADRÉ 10 - D.B., productrice de *métorah* à Varela Madina et commerçante

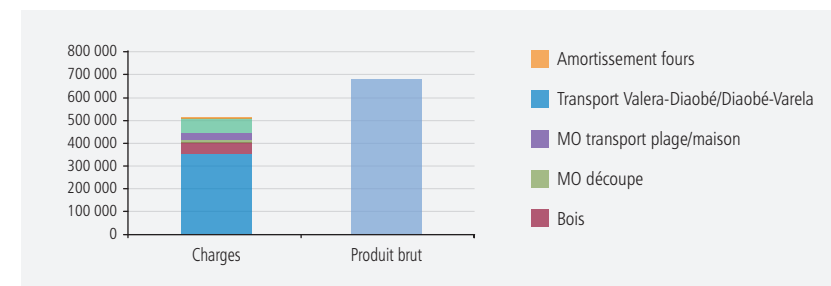
D. B. produit du poisson fumé-séché, appelé *métorah*. Le fumage est une technique de conservation, de traitement des produits de la pêche, qui consiste à appliquer à ces derniers de la fumée obtenue par combustion incomplète du bois. Cette fumée contient un grand nombre de substances colorantes, odorantes, réductrices et antimicrobiennes, qui améliorent les qualités organoleptiques des produits et leur assurent une bonne conservation.

Le *métorah* est un poisson totalement fumé, non salé et déshydraté. Le mâchoiron (*Arius latiscutatus* ou *kong*) fumé (*bagre fumado* en créole) est l'espèce la plus appréciée et la plus chère sur les marchés. Le fumage du *kong* intervient après retrait de la vessie, vendue une fois séchée à part, alors que les autres espèces sont fumées sans prétraitement.

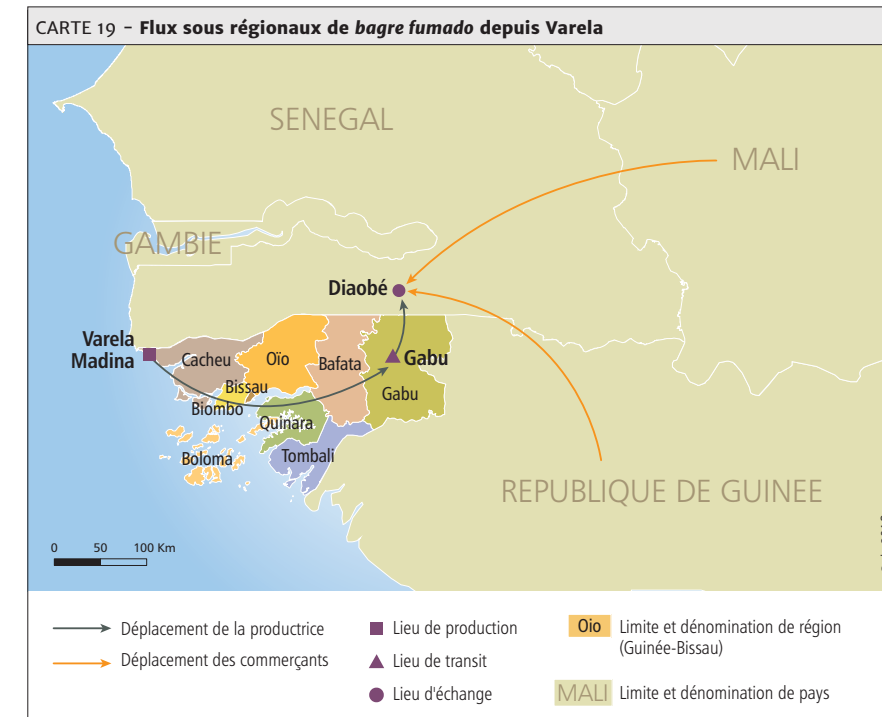
Le mâchoiron est acheté par tas sur la plage de Varela Madina. Il est alors nettoyé et transporté jusqu'aux fours de D.B., construits à proximité de son domicile. Les achats de poisson se font sur 7 jours jusqu'à accumuler 1 350 Kg de mâchoiron frais. Le mâchoiron est fumé à petit feu durant 3 à 5 jours, selon la taille des poissons. Cette pratique permet à D.B. d'obtenir 450 Kg de poisson fumé.

D.B. contacte les grossistes du Mali et de République de Guinée avec qui elle a établi des relations depuis plusieurs années. Elle quitte Varela pour se rendre au marché régional hebdomadaire de Diaobé (région de Kolda, Sénégal) en transitant par Gabu (**carte 19**). Elle est de retour à Varela quatre jours plus tard.

Son revenu net par voyage est estimé à 160 000 FCFA soit à 250 euros, l'équivalent de 10 sacs de 50 kg de brisure de riz importée. Cette activité nécessite néanmoins un capital circulant de plus de 500 000 FCFA, un montant localement important qui équivaut à la valeur de 3 bovins adultes.



D'après une synthèse d'IDEE Casamance (2016). Encadré repris de Grdr (2017).



Sources :
Limites administratives : OCHA ROWCA 2008.
Informations sur les réseaux de vente : Enquête Grdr, 2016.

4.3. Cacheu, première région productrice de noix de cajou et d'huile de palme

La production de noix de cajou et d'huile de palme compte parmi les autres secteurs économiques importants dans la région.

D'après les statistiques du ministère du commerce, **la région de Cacheu a produit en 2015 autour de quarante cinq milles tonnes de noix brute de cajou, soit près de 25% de la production nationale (deux cents milles tonnes)**. Quarante vingt pour cent des ménages de la région produiraient de la noix. La production se concentre dans les secteurs de Canchungo et São Domingos.

Ce développement, amorcé il y a une vingtaine d'années¹⁵, s'explique par de multiples facteurs.

La progression des vergers en substitution au système de culture pluvial autrefois dominant (céréale pluviale//arachide//arachide//jachère de 5-7 ans) tient en premier lieu à l'évolution du marché de l'arachide dont les prix ont baissé à compter des années 1980 et, dans une moindre mesure, à une baisse des rendements imputable à la densification démographique (crise de fertilité). La croissance démographique (+40% entre 1991 et 2009) et l'attribution de concessions foncières à des *ponteiros* citadins au début des années 1990 sont deux autres moteurs du développement de l'anacardier (Chéneau Loquey, 1995). La plantation de vergers, stratégie de sécurisation foncière bien connue, se justifie pleinement dans un contexte d'insécurité foncière pour les exploitations familiales et dans un objectif de génération de revenus monétaires avec des faibles investissements en capitaux et travail. Ensuite, la culture de l'anacardier s'est bien intégrée dans le calendrier d'une large majorité d'exploitations familiales de la région puisque cette culture mobilise de la main d'œuvre de février (pour le nettoyage des abords des vergers) à juin (pour la récolte), à une période où le calendrier d'activité est relativement creux. Enfin, la production de noix est moins sensible aux variations pluviométriques que ne le sont les cultures pluviales et inondées.

15. La production nationale aurait augmenté d'un facteur 7 en l'espace de 20 ans.

Aussi, en dépit de fluctuations des prix importantes (à la hausse ou à la baisse) et des effets parfois pervers du système mis en place par les exportateurs de noix, la plantation d'anacardiers représente l'un des meilleurs investissements que l'on puisse faire d'autant que Cacheu est frontalière du Sénégal, où les prix proposés ont été ces dernières années supérieurs de 20% à ceux offerts en Guinée-Bissau.

Bien que ce phénomène soulève de nombreuses questions (concurrence sur l'espace, appauvrissement de la biodiversité au niveau des zones de plateau, tendance -supposée plus que vérifiée- à la monoculture, endettement de certains producteurs du fait des pratiques des commerçants), ce secteur représente le poumon économique de nombreuses familles de la région (**encadré 11**).

ENCADRÉ 11 – Synthèse d'une étude de référence sur les « petits producteurs » de noix d'anacarde en régions Oïo et Cacheu

Les producteurs sont très majoritairement des hommes, âgés d'une quarantaine d'années au moins. La taille de leurs vergers varie de 0,5 à 8 hectares. L'âge moyen des arbres est d'une vingtaine d'années. La variété dite « locale » est cultivée par tous tandis que la variété dite « du Mozambique » est cultivée par 70% d'entre eux seulement. La conduite des vergers est extensive en travail : auto production des plants par semis, plantation à forte densité pour limiter le travail de désherbage (environ 700 pieds par ha), entretien le plus souvent limité à la périphérie du verger. Les rendements moyens sont estimés à 800 kg/ha pour environ 210 homme-jour¹⁶ de travail investis, dont plus des ¾ sont consacrés à la récolte.

A l'échelle des systèmes de production, **la production d'anacardiers apparaît très complémentaire de certaines autres activités agricoles, comme, par exemple, la riziculture inondée.**

En termes d'espace tout d'abord, les vergers étant implantés en zones non inondables, tandis que les rizières sont implantées dans les zones inondables « basses ». En terme calendaire ensuite, les pics de travaux des activités liées aux vergers d'anacardiers et aux travaux de riziculture inondée ne se superposant pas. En termes de trésorerie on peut même évoquer une réelle synergie entre les deux cultures, les rentrées monétaires de la vente de cajou permettant, directement ou indirectement, de financer les cultures conduites à partir de juin-juillet, notamment les ouvriers agricoles employés là où la main d'œuvre familiale fait défaut ou n'est pas mobilisable contre paiement en nature.

En revanche, dans les zones sèches dites « de plateau », l'extension des vergers concurrence d'autres cultures annuelles et pérennes. L'installation des vergers se fait généralement après abatis brûlés de jachère arbusive au sein de laquelle on rencontre fréquemment d'autres arbres d'intérêt qui sont conservés (palmiers à huile notamment). Les anacardiers sont semés dans un premier temps en association avec des cultures pluviales : du riz pluvial les deux premières années puis d'autres cultures pluviales moins exigeantes (arachides, haricots). Les anacardiers rentrent en production à l'âge de quatre ans en moyenne. A mesure qu'ils grandissent, les possibilités de culture pluviale se restreignent. L'ombrage des plants d'anacardiers ne permet plus aux autres arbres, comme les palmiers, de se régénérer « naturellement ». Les producteurs observent en outre fréquemment une baisse de la productivité en vin et en huile de palme du fait de la concurrence exercée par les anacardiers. Les anacardiers étouffent le reste de la végétation.

Cette concurrence sur l'espace, réelle dans les villages les plus densément peuplés, est relative dans d'autres. Ainsi, d'après une analyse d'images aériennes effectuées dans dix localités des régions d'Oïo et de Cacheu, l'espace occupé par les vergers (anacardiers, manguiers et agrumes) ne dépasse généralement pas 30% de la superficie des zones exondées. On retiendra que tous les producteurs déclarent avoir augmenté la superficie de leur verger ces dernières années et que 90% d'entre eux souhaitent continuer à l'augmenter.

Plus de la moitié des producteurs disent négocier d'égal à égal avec les intermédiaires. Ils écoulent pour plus de 80% d'entre eux une partie de leur production par un système de troc (avance sur récolte) contre du riz, du ciment ou d'autres matériaux de construction et une autre partie contre de l'argent. Les revenus issus du cajou sont utilisés pour l'achat de nourriture mais aussi pour des investissements plus ou moins durables : toiture en tôle, scolarisation des enfants, santé. **La vente des noix constitue leur principale source de revenus monétaires.** Toutefois, ces producteurs restent peu spécialisés : tous pratiquent d'autres cultures et 85% d'entre eux élèvent également des animaux...

La récolte de noix génère un afflux important de main d'œuvre issue des zones rurales mais aussi des villes de Guinée-Bissau ou du sud du Sénégal. Celle-ci est le plus souvent rémunérée en nature, à hauteur du tiers du volume récolté. Il est probable que de nombreux élèves et étudiants financent une partie de leurs études et projets à travers cette activité saisonnière.

Les intermédiaires entre les producteurs et exportateurs supervisent quant à eux le séchage, l'ensachage, le transport et le stockage intermédiaire des sacs. Dans l'objectif de sécuriser leur approvisionnement, ils avancent, généralement en nature, le montant d'une partie de la récolte cela dès le mois de février-mars, soit de deux à trois mois avant la récolte. Le rendement de leur activité apparaît aléatoire alors qu'ils assument la plus grande partie des risques de marché. Ainsi, en 2016, les exportateurs jugeant les prix trop élevés ont décidé de ne pas tout acheter. Vingt mille tonnes environ, soit 10% de la production nationale, seraient restées stockées dans l'attente d'un éventuel acheteur. Cette situation est rendue possible par le fait que les 10 premiers exportateurs contrôlent près de 50% de l'export, 33 autres opérateurs assurant le transit de l'autre moitié.

Source : d'après Manga et Grdr (2016). Encadré repris de Grdr (2017).

Le développement de l'anacardier dans la région de Cacheu tient aussi probablement au fait que cette région est de longue date connue pour être un territoire exportateur de « produits de rente », notamment d'oléagineux : dans les années 1980 Cacheu concourrait à la moitié des exportations nationales d'huile de palme et à 15% des exportations d'arachide (**figure 10**), grâce notamment à un réseau marchand national et transfrontalier bien implanté.

Bien que les palmeraies subissent aujourd'hui la concurrence des anacardiers et de la pression démographique, l'huile de palme rouge joue toujours un rôle alimentaire et économique important en région de Cacheu (**encadré 12**). L'huile de Cacheu, particulièrement celle produite à Djolmette, est très réputée sur les marchés locaux et s'exporte ainsi jusqu'au Sénégal voisin (**carte 20**).

ENCADRÉ 12 – Importance économique et alimentaire de l'huile de palme rouge

L'huile de Cacheu est pour l'essentiel issue de palmiers sauvages (*Elais guineensis*) entretenus par l'homme et de pratiques de cueillette, de maturation et de transformation des noix variant d'une localité à une autre. La diversité des terroirs et des modes de transformation n'est pas sans évoquer la production viticole. L'huile de palme joue un rôle économique important, avec une production moyenne annuelle variant de 50 à 200 litres par productrice, et un rôle alimentaire de premier ordre, l'huile rouge apportant des nutriments essentiels comme la vitamine E.

Le pic de production intervient généralement de janvier à avril. Les régimes cueillis par de jeunes hommes payés à la tâche (100 FCFA par régime) sont étalés sur le sol et couverts pendant 7 jours sous des feuilles de palmiers. Les fruits sont ensuite séparés du régime, cuits au feu de bois (bidon) et pilés manuellement. L'huile ainsi extraite est conditionnée dans des bidons de 20 litres. L'ensemble de ces opérations se déroule généralement sur 5 jours et mobilise un adulte (femme) ainsi qu'une main d'œuvre d'appoint (enfants). Une soixantaine de régimes est nécessaire pour obtenir 25 litres d'huile.

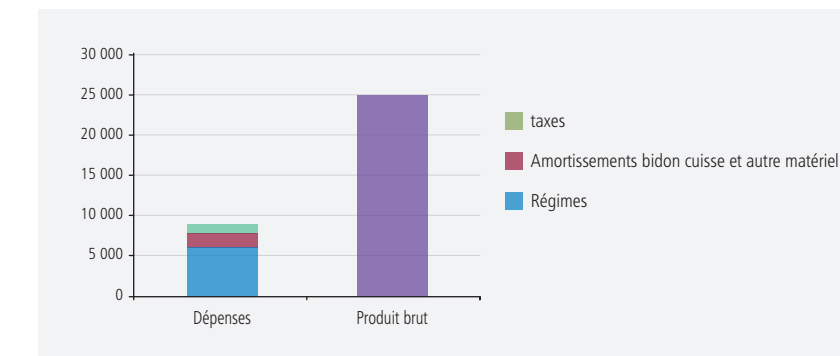
Le bois utilisé étant autoproduit, seul le paiement des cueilleurs, le renouvellement du matériel (peu onéreux) et, dans certains cas le paiement de taxes et du transport, implique des sorties monétaires. L'huile est vendue sur les marchés locaux, soit à des particuliers, soit à des collecteurs. Le prix d'achat à la productrice est généralement de 1 000 FCFA par litre. En transformant 60 régimes, une productrice retire un revenu net d'un peu plus de 15 000 FCFA (graphique ci-contre). Sur une saison de 3 mois, une productrice peut obtenir un revenu net d'environ 120 000 FCFA (200 euros), au prix d'un travail manuel pénible. A cela s'ajoute, dans les localités où le noyau des fruits sont concassés et transformés en huile de palmiste, la production et vente de savon.

Les vendeurs d'huile de palme des principaux marchés de la ville de Ziguinchor (Tilène, Boucotte, Néma) s'approvisionnent pour beaucoup au niveau des loumas de Sao Domingo, Ingoré (région de Cacheu), Bafata (région de Gabu), Yarang (région de Sédhio) ou Diaobé (région de Kolda) ou/et pour quelques-uns directement dans les villages de producteurs (Balantacounda-département de Goudomp...). Ils vendent au détail à des particuliers de Ziguinchor ou à des grossistes venant des régions de Thiès et Dakar des volumes mensuels variant de 300 et 700 litres avec une marge brute moyenne de 20%.

Les prix de l'huile rouge sont à la hausse quelle qu'en soit la provenance mais l'huile venant de Guinée-Bissau se vend jusqu'à 20% plus cher que « l'huile de Diaobé », souvent issue d'un mélange d'huiles de différentes provenances et qualités. La couleur, la viscosité et le goût sont les critères d'appréciation les plus courants pour les consommateurs. L'huile de Cacheu, de couleur rouge foncé voire quasi noirâtre, qui ne coagule pas et « ne colle pas à la gorge », est la plus appréciée. Au sein de la région de Cacheu, l'huile issue de localités telles que Djita ou Djolmette a particulièrement bonne réputation.

La consommation mensuelle d'une famille de Ziguinchor est d'environ 5 litres. L'huile rentre dans la préparation de plats tels que le *caldou*, le *fiteuf* ou le *soupe kandia*. Elle est également utilisée par certains à des fins médicinales.

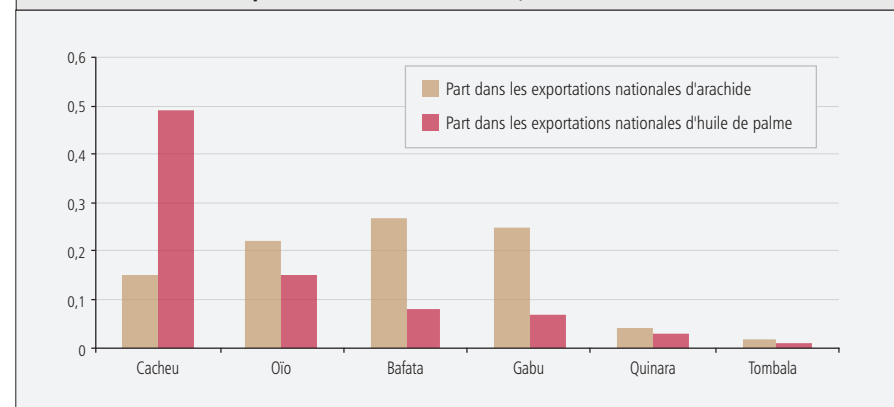
Les palmeraies connaissent des dynamiques contrastées en région de Cacheu mais apparaissent dans l'ensemble régressive du fait de la concurrence exercée par les vergers d'anacardiers.



Source : d'après Manga et Grdr (2016). Encadré repris de Grdr (2017).

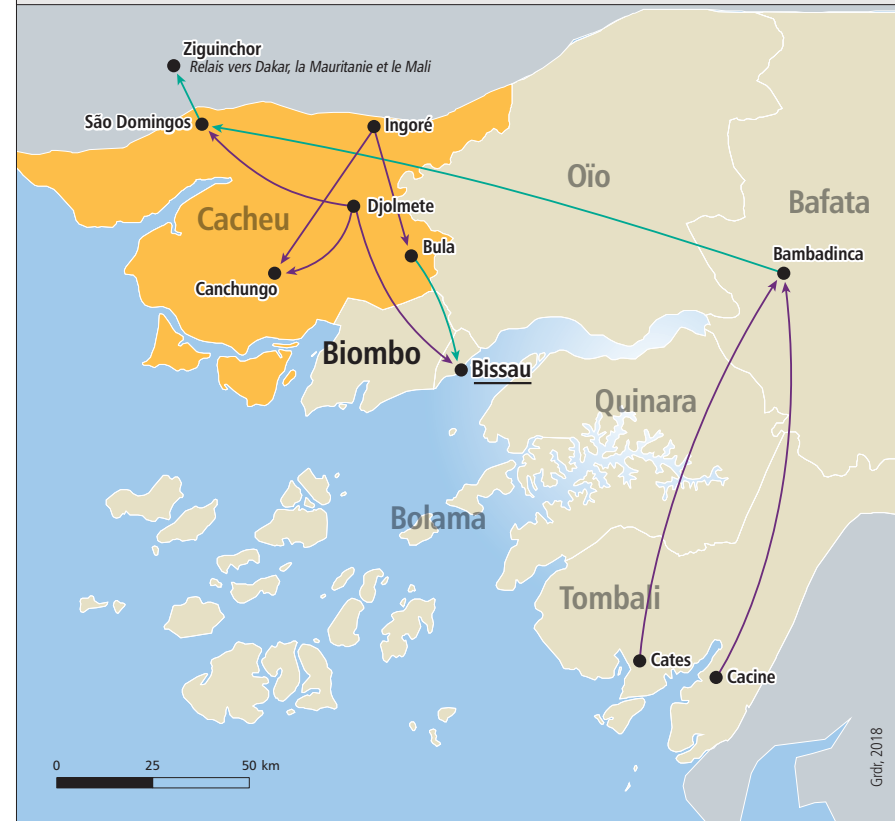
16. Un homme-jour correspond ici à 8 heures de travail.

FIGURE 10 - Contribution des différentes régions de Guinée-Bissau aux exportations d'arachide et d'huile de palme au début des années 1980



Source : Garcia-Zamor & al. (1987).

CARTE 20 - Flux d'huile de palme rouge



Typologie des flux
 → Flux en provenance des zones de production
 → Flux en provenance d'un marché relais

Sources : Limites administratives : (SALB) / OCHA ROWCA 2008. Localités : GPC, date non connue. Données sur les flux : Grdr - Situação de base da economia local e de mercado de emprego na região de Cacheu: Análise, perspetivas e principais desafios, 2015.

4.4. Des économies domestiques diversifiées à faible impact environnemental négatif

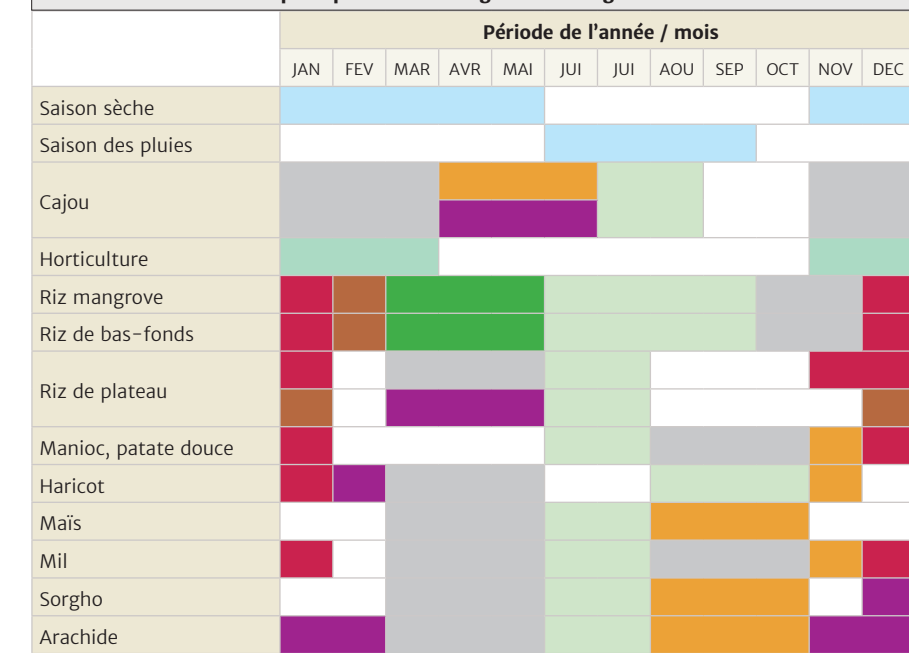
Le calendrier des « principales activités agricoles » menées dans la région donne une bonne illustration du fait qu'en dépit du développement rapide et marqué de l'anacardiculture, l'économie régionale demeure diversifiée (figure 11). Aux activités agricoles décrites sur ce calendrier s'ajoutent l'élevage, la pêche et, souvent, des activités commerciales (cf. encadrés plus haut et figure 12).

L'économie locale apparaît globalement sobre et n'a qu'un faible impact environnemental négatif. Les systèmes de production agricoles, largement dominés par les exploitations familiales, combinent souvent agriculture, arboriculture et élevage. Si l'on excepte les systèmes maraîchers irrigués, ils sont quasi autonomes en intrants et s'appuient sur des pratiques relevant de l'agro-écologie : rotations et associations culturales, association arbres/cultures annuelles, parcages d'animaux... L'abattis-brûlis, pratique autrefois très répandue sur le plateau, recule du fait de l'extension des vergers et de la densification de la population. L'omniprésence des arbres dans le paysage (vergers sur le plateau et palétuviers en zones de marais) permet à cette agriculture d'afficher un bilan carbone à l'évidence positif.

D'après la « commission thématique agriculture », la production agricole pluviale est dominée en superficie par la riziculture, notamment la riziculture inondée, pratiquée en eau douce (bas-fonds sur 23 000 hectares) ou saumâtre (mangrove sur 38 000 hectares). Le riz pluvial (18 000 hectares cultivés en 2017) aurait tendance à reculer du fait de l'extension des vergers d'anacardiens. Cacheu serait ainsi la 2^{ème} région céréalière du pays du fait de la diversité des systèmes de culture rizicoles qui y sont pratiqués (tableau 5).

En dépit de contraintes pédoclimatiques réelles, des aléas sanitaires, des fluctuations des marchés et des inégalités d'accès aux facteurs de production, en particulier aux ressources foncières, l'économie de la plupart des familles de la région de Cacheu apparaît potentiellement résiliente du fait en particulier de sa non-spécialisation.

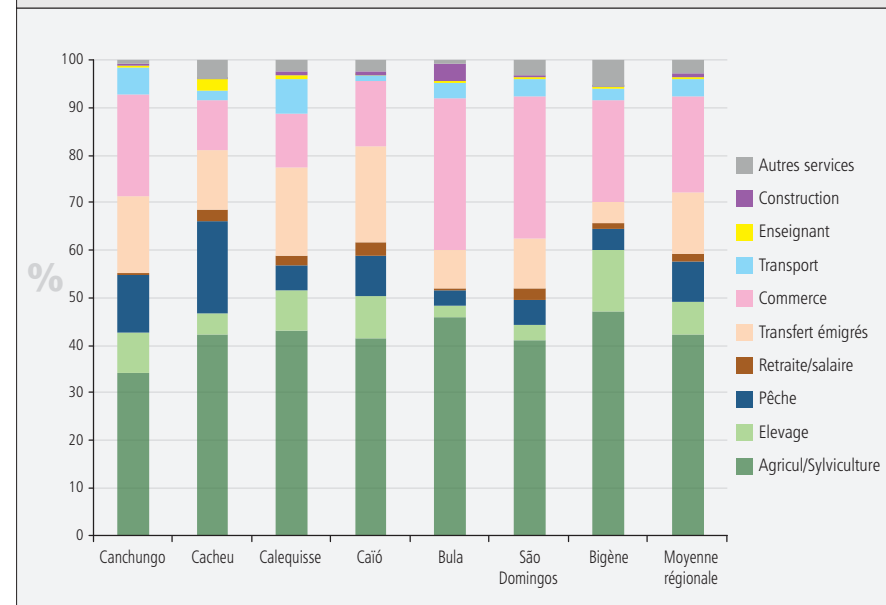
FIGURE 11 - Calendrier des principales activités agricoles en région de Cacheu



- Préparation de la terre/nettoyage
- Période des travaux champêtres et plantation
- Récolte
- Plantation et récolte
- Fin de récolte
- Battage
- Commercialisation
- Entretien des digues et installations de pompes

Source : FAO 2016 et Direction régionale de l'agriculture 2017.

FIGURE 12 – Sources principales de revenus monétaires déclarées à l'échelle des secteurs et de la région de Cacheu



Source : Source: Bock, 2015.

TABLEAU 5 – Les systèmes de culture rizicoles pratiqués en région de Cacheu et quelques unes de leurs caractéristiques

PARTIES DE L'ÉCOSYSTÈME	SYSTÈME DE CULTURE RIZICOLE DOMINANT	AUTRES CARACTÉRISTIQUES
Mangrove	Riz//riz	Système pratiqué sur des plaines aménagées inondables : défriche de forêt de palétuviers, endiguement primaire et secondaire. Influence d'eau saumâtre (marées) et d'eau de pluie. Gestion collective de l'eau de pluie et des rentrées et sorties d'eau saumâtre. Système de culture continue dominant. Repiquage sur billons de plants cultivés en pépinière. Travail manuel exclusif.
Bas-fond	Riz//riz Riz/maraîchage^[1]//riz/maraîchage (+ arbres : palmiers,...)	Système pratiqué au niveau de dépressions inondables en saisons des pluies. Rotation fréquente avec les cultures maraîchères en saison sèche. Présence d'arbres, notamment de palmiers. Repiquage sur billons de plants cultivés en pépinière. Travail manuel exclusif.
Plateau	Riz//arachide//arachide//jachère (+ arbres : néré, manguiers...)	Gestion et parcelles individuelles. Système de culture après abatis brûlis jachère (3-7 ans) dominant. Rotation avec arachide courante. Association possible avec haricot.... Souvent associé à des arbres. Semis à plat, « à la volée ». Travail manuel exclusif.

[1] Cultures de décrue également : patates douces.



V. TROIS ENJEUX POUR LA RÉGION DE CACHEU

EN RÉSUMÉ

■ L'amélioration de l'accès aux services de **santé**, des conditions de **scolarisation** et du **secteur agro-halio-sylvo-pastoral** représentent trois enjeux prioritaires pour la région ;

■ Dans le **domaine de la santé**, on relève que le taux de mortalité infanto juvénile, estimé à 96 ‰ en 2014, a été divisé par trois depuis les années 1980. Parallèlement, de nouvelles pathologies, comme le VIH-SIDA et l'hypertension artérielle, ont émergé. Les structures de santé publiques, qui connaissent d'importants problèmes de ressources et de gestion, agissent

le plus souvent avec le soutien d'acteurs non étatiques (ONG, associations de la diaspora, ...) et privés (pharmacies). Sur le court terme, un soutien à des campagnes de **prévention des principales pathologies et aux structures de santé transfrontalières** situées au Sénégal, en complément des efforts déployés pour les structures régionales, apparaissent comme deux priorités ;

■ Dans le **domaine de l'éducation**, on note que le taux d'analphabétisme est passé de 79 à 51 % entre 1991 et 2009. Les niveaux d'instruction sont cependant jugés faibles. En outre, le taux de redoublement et d'abandon scolaire, estimé respectivement à 25 % et 8% pour l'année 2014-2015, témoignent de

réelles difficultés. Le nombre, le profil et les conditions de travail des enseignants, dont près de 55% sont non qualifiés, ainsi que la faiblesse des ressources et infrastructures à disposition, expliquent en grande partie cette situation. Dans ce contexte, Il apparaît capital de travailler au **développement d'une offre de formation utile à l'acquisition des savoirs de base**. Toutes les initiatives qui amélioreraient les conditions de travail des enseignants et des élèves doivent ainsi être encouragées. Ensuite, il apparaîtrait judicieux de **soutenir les structures éducatives « transfrontalières »** implantées en territoire sénégalais, dans un contexte plus stable qu'en Guinée-Bissau. Enfin, il conviendrait de soutenir le **développement d'une offre de formation professionnelle** adaptée au contexte local, national et sous régional.

■ Dans le domaine **agro-halio-sylvo-pastoral** il conviendrait de soutenir trois axes stratégiques. Tout d'abord le développement d'une **démarche qualité pour la noix de cajou** qui permettrait de **sécuriser les revenus des producteurs**. Ensuite, un plaidoyer fort pour la **libre circulation des productions locales**, actuellement taxées dans bien des cas illégalement, à l'échelle nationale et si possible avec la basse-Casamance voisine. Enfin, un soutien à des dispositifs qui permettraient de **réguler, dans la concertation et équitablement, l'accès aux ressources productives** : terre, ressources halieutiques,...

5.1. Améliorer l’offre et l’accès aux services de santé : soutien à la prévention et à la mobilité transfrontalière sur le court terme ; défi des moyens et de la gestion sur le long terme

Aperçu des principales pathologies en région de Cacheu

La région de Cacheu détient le quatrième taux de mortalité infanto-juvénile (MIJ) le plus élevé du pays : 96 ‰. Ce taux demeure élevé mais il est trois fois moins important qu’il y a trente ans d’après l’UNICEF. Ce net recul contribue à expliquer la croissance démographique.

Le paludisme expliquerait en grande partie la persistance d’un taux élevé de MIJ, cela alors que la région affichait en 2014 le taux le plus élevé de ménages dormant sous une moustiquaire imprégnée (34% d’après l’enquête MICS de 2014). Ainsi, le paludisme est la première cause de consultation des structures de santé publique, avec, en 2014, pas moins de 1 782 enfants de moins de 05 ans et 4 290 de 5 ans. Les maladies liées à l’hygiène, de l’eau en particulier, et leurs conséquences (diarrhées, déshydratation) constituent probablement la deuxième origine du phénomène.

On estime que les femmes enceintes et leurs enfants consultent plus régulièrement les services de santé de base que par le passé. Pour l’année 2016, la région a enregistré près de 22 000 consultations prénatales, 30 000 pour les moins de 5 ans et 32 000 pour les 05 ans et plus.

En 2012, la *Deuxième enquête nationale sur l’état nutritionnel des enfants et des femmes en âge de procréer (15-49 ans) en République de Guinée-Bissau*, a révélé en outre que la région de Cacheu a le plus faible taux de garçons de 06 à 59 mois souffrant de malnutrition aiguë globale (2,7%). Par ailleurs, le pourcentage d’allaitement maternel des enfants âgés entre 0 et 5 ans était le plus élevé du pays : 76,9 %.

Cependant, depuis les années 1980, et alors que la santé maternelle et infanto-juvénile s’améliorait, de nouvelles pathologies sont apparues telles que le VIH-SIDA ou l’hypertension artérielle, cette dernière s’expliquant en particulier par l’évolution des modes de vie (consommation alimentaire, sédentarisation).

Des services de santé publique trop faiblement dotés pour répondre aux conséquences des évolutions démographiques et sanitaires

Le système sanitaire régional est subordonné à l’organisation globale du système national de santé publique. La Guinée-Bissau compte 11 régions sanitaires. Son système de santé, de type pyramidal, comprend trois niveaux : central, régional et périphérique. Le niveau central (avec les hôpitaux nationaux) définit les grandes orientations et la planification nationale, alors que le niveau régional (hôpitaux régionaux) est chargé de la planification, de la micro-planification et de la mise en œuvre et du suivi des activités régionales. Quant au niveau périphérique, il constitue le premier point de contact avec les patients. Il comprend, sur tout le territoire national, 114 aires sanitaires avec 123 centres de santé dont 07 de type A (Centres médicaux avec bloc opératoire), 08 de type B (Centres médicaux), 108 de type C [Centres de santé gérés par un (e) infirmier (e)] et 701 Unités de Santé Communautaire gérées par des agents de santé et matrones.

La restructuration du Ministère de la Santé intervenue en 2009 a procédé à l’intégration de la région sanitaire de São Domingos dans celle de Cacheu. L’hôpital régional *Buota Na Fantchama* de Canchungo fait partie des 5 hôpitaux régionaux réputés fonctionnels que compte le pays. La région compte en outre 124 USC (**tableau 6**).

AIRES SANITAIRES	NOMBRE D’USC
Varela	8
Suzana	10
São Domingos	10
Sedengal	10
Barro	5
Bigene	7
Bula	11
Canchungo	7
Cacheu	11
Calequisse	14
Carenque	0
Batucar	0
Caio	7
Pelundo	5
Pecixe	6
Bara	3
Ingoré	9
Jeta	0
Có	1
Total	124

Source : Direction de la santé en région de Cacheu, 2017.

Le diagnostic réalisé en 2017 par la commission thématique santé met à jour les lacunes de ce système.

Tout d’abord, comme la carte présentée dans la première partie de ce document l’illustre, les effectifs de personnel affecté à ces structures est très insuffisant pour répondre aux besoins des habitants de la région. Ensuite, les conditions d’exercice de ces (para)-fonctionnaires sont globalement mauvaises :

- Régularité et niveau de rémunération démotivants ;
- Infrastructures et matériel de travail très dégradés : la plupart des USC est non fonctionnelle, seules 5 ambulances fonctionnelles sont à disposition pour la région, absence de système de réfrigération à l’hôpital régional,... ;
- Défaillance de la centrale d’achat des médicaments essentiels (CECOME) ;
- Très faible budget effectivement disponible. A titre d’exemple, en janvier 2017, l’hôpital régional s’est vu doter d’une somme de 72 000 F-CFA (une centaine d’euros) ;
- Ratio médecin/patients et infirmiers /patients estimé respectivement à 1/8 700 et à 1/2 800.

Ce système apparaît en résumé sinistré, à l’image de la plupart des services publics dans la région. Les efforts déployées par les ONG et agences spécialisées (VIDA, EMI, UNICEF...) ou non (ADPP...) et les associations de migrants pour soutenir ce dispositif public permettent de maintenir localement et de façon conjoncturelle un service minimal mais ne répondent pas aux problèmes structurels de la santé publique.

Une offre privée de santé diversifiée mais peu contrôlée

Dans ce contexte, l’offre privée a tendance à se développer d’autant que les contrôles des prestataires de santé sont lacunaires.

Les mouvements religieux, notamment les missions chrétiennes, investissent le domaine sanitaire. Au total, pas moins de 07 postes de santé confessionnels ont été créés par des missions catholiques et évangéliques dans la région. Leurs structures

et leurs services sont souvent de meilleure qualité que celle des structures publiques. La mission catholique de Bula dispose en outre d’un centre de récupération nutritionnelle.

Les pharmacies privées, dont l’ouverture est soumise à une autorisation du ministère de la santé, occupent une place importante dans le système sanitaire de la région de Cacheu, d’autant qu’elles disposent de certains médicaments qui manquent dans les structures publiques. Leur approvisionnement se fait essentiellement à partir du Sénégal (Ziguinchor, Dakar, Kaolack,...) et, dans une moindre mesure, de la France et du Portugal. Les conditions d’hygiène et de stockage y sont meilleures que dans les structures publiques.

En dépit du rôle important que jouent les pharmacies privées en matière d’accès aux médicaments, la couverture régionale demeure relativement faible : en 2017, la région compte vingt et une pharmacies privées, inégalement réparties (**tableau 7**), pour une population estimée à plus de 220 000 habitants.

Des « **guérisseurs** », qui allient souvent phytothérapie et pratiques incantatoires, opèrent également dans la région.

Enfin, plusieurs nouveaux mouvements religieux d’inspiration pentecôtiste et évangélique revendiquent des pouvoirs de « *guérisons miraculeuses* » et trouvent un écho auprès de certains ressortissants de la région.

A cette offre régionale, s’ajoute une **offre transfrontalière en territoire sénégalais** d’acteurs publics comme privés. L’hôpital régional de Ziguinchor accueille régulièrement des habitants de la région.

CANCHUNGO	BIGENE	BULA	SÃO DOMINGOS	CACHEU	CALEQUISSSE	Total
6	5	4	3	2	1	21

Source: direction de la santé de la région de Cacheu, 2017.

17. Ancien combattant de la guerre de libération. Ce nom a été donné par le défunt président Nino VIEIRA.

Quelles actions prioritaires dans le contexte sur le court terme ?

Deux axes prioritaires d'intervention ressortent dans le contexte régional et national évoqué plus haut.

Il apparaît tout d'abord capital de travailler à la prévention des principales pathologies touchant les habitants de la région. Cela passe notamment par le développement de dispositif d'information adaptée (langues, contenu, modalités pédagogiques...). Des structures comme ADPP s'y emploient en s'appuyant notamment sur le réseau relativement bien développé de radios rurales.

Ensuite, considérant que la mobilité transfrontalière est un moyen pour certains patients de palier les défaillances régionales, il apparaîtrait pertinent de soutenir les structures de santé « transfrontalières » implantées en territoire sénégalais, qui opèrent dans un contexte institutionnel bien plus stable qu'en Guinée-Bissau.

5.2. La scolarisation en région de Cacheu : répondre aux enjeux de la croissance démographique, de l'augmentation du taux et de l'allongement de la durée de la scolarisation

Des élèves de plus en plus nombreux

Le nombre total d'élèves en région de Cacheu s'élevait à 68 235 élèves (31 381 filles et 36 854 garçons) pour l'année scolaire 2015-2016. Ce nombre est en augmentation sous l'effet de la croissance démographique et de l'augmentation du taux de scolarisation, deux tendances qui sont amenées à se poursuivre sur le court terme. Une autre tendance forte se dégage : l'allongement de la durée de la scolarisation qui génère un afflux d'élèves vers les quelques établissements secondaires de la région (voir plus bas l'encadré sur le lycée de Canchungo).

Une offre de scolarisation en hausse mais qualitativement et quantitativement insuffisantes et inégalement répartie

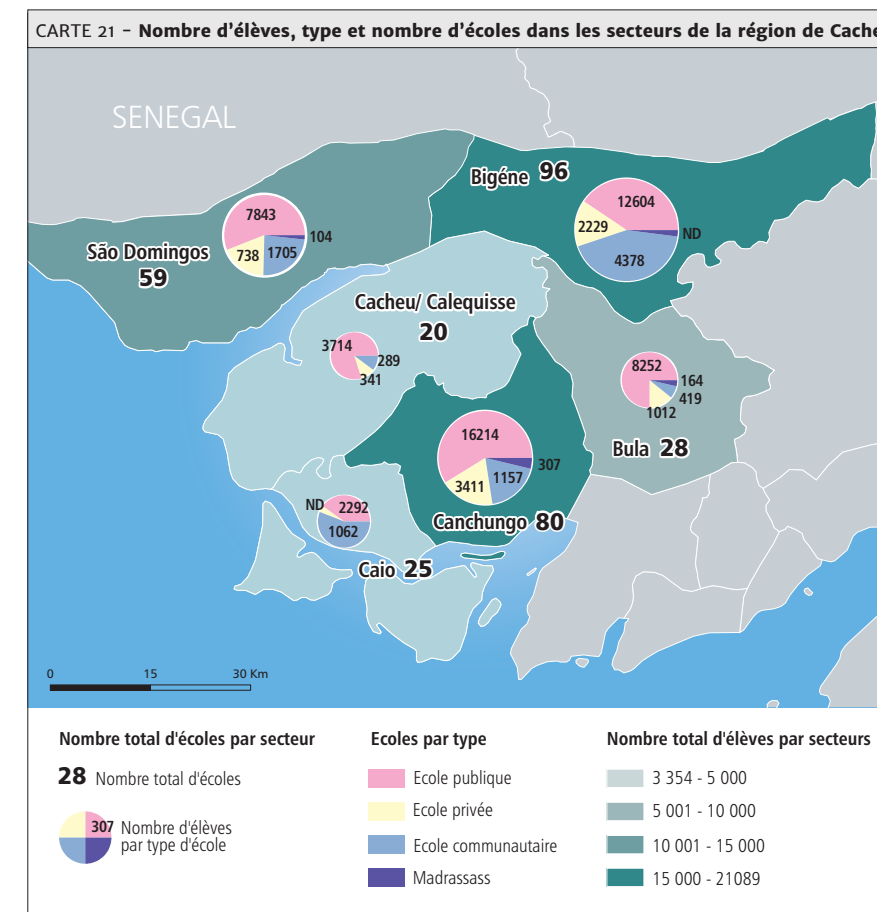
Ces élèves sont répartis dans les 308 établissements scolaires qui se concentrent dans le secteur de Bigene, Canchungo et São Domingos (**carte 21**). 166 établissements ont un statut public public, 54 sont privés¹⁸ et 88 sont communautaires¹⁹. Les écoles publiques accueillent la majorité des élèves (50 919 élèves soit près de 75% des effectifs).

Entre 2014 et 2016, le nombre d'instituteurs dans l'enseignement de base et secondaire a plus que doublé, passant de 939 à 2 040.²⁰ Il s'agit d'un personnel majoritairement non qualifié (55% des enseignants de base et secondaire seraient ainsi non qualifiés). Canchungo concentre l'essentiel des établissements relevant du supérieur : Direction régionale de l'éducation, le lycée Hô Chi Minh (**encadré 13**), seul lycée public de la région, et des établissements privés dont certains sont localement réputés (école privé catholique *Professor Antero Sampaio*, SOS village d'enfants...).

18. Dont 7 *Madrassas*. Les *Madrassas* suivent le programme officiel de l'éducation de base mais en langue arabe et portugaise ou uniquement en arabe.

19. Ecoles créées et gérées par les parents d'élève qui assurent le recrutement et la rémunération du personnel enseignant ainsi que la construction et l'entretien des infrastructures. Les associations de migrants sont particulièrement actives dans la création de tels établissements.

20. Données Direction régionale de l'éducation, 2015-2016.



Sources : Données sur l'éducation : Direcção regional da educação na região de Cacheu, année scolaire 2016/2017.

Canchungo accueille également la seule **bibliothèque** d'envergure de la région dont la création a bénéficié du soutien de l'ONG portugaise *A afectos com Letras*. Inaugurée en 2017, elle est logée dans les locaux de l'hôpital régional de Canchungo. La bibliothèque compte 13 000 ouvrages touchant presque tous les domaines de la connaissance. Les élèves désireux d'y accéder doivent s'inscrire et recevoir une carte d'accès.

ENCADRÉ 13 - Un bref aperçu du lycée régional Hô Chi Minh

Créé en 1974 par l'État, le lycée régional Hô Chi Minh se situe dans la ville de Canchungo. On y dispense des cours de la 7^e à la 12^e année. Le lycée compte actuellement 2 520 élèves (1 355 garçons et 1 165 filles) et 91 enseignants (dont 03 femmes). Vu le nombre limité de salles de classe (21) par rapport au nombre d'élèves, le lycée propose trois plages horaires (matin, après-midi, soir). Parmi les salles de classe du lycée, 10 sont en bon état, 04 en état normal et 07 dégradées. Le lycée compte également 01 salle des professeurs, 01 bureau administratif, 01 salle d'atelier de langue portugaise, 01 salle de formation, 05 toilettes pour les professeurs, 05 toilettes pour les élèves (02 en bon état et 03 en mauvais état).

Enfin, l'École Nationale d'Administration de Canchungo (ENA-Canchungo), le seul établissement public supérieur présent dans la région, propose des formations de deux ans en comptabilité, administration, langues (français et anglais) et en informatique (actuellement suspendue). Elle attire des étudiants d'autres régions du pays désireux de se former dans les disciplines précitées.

Une offre de formation professionnelle embryonnaire

Depuis 2012, l'école de formation des instituteurs mise en place par ADPP a permis de former pas moins de 200 enseignants. Une école publique de formation des instituteurs est en cours de création dans le secteur de Cacheu.

L'*Unidade de Produção de Ajuda Artisanal* (UPAA) a été fondée par des acteurs locaux pour le développement de la région. Elle propose des cours de soutien aux artisans de la région, notamment la pratique des étoffes traditionnelles peintes ou tissées, la vannerie ou encore la poterie.

L'École industrielle de Jésus²¹, plus connue sous le nom de FLAME (*Freedom Life African Ministries Emmanuel*), offre des formations en mécanique automobile, soudure, informatique, langues (français et anglais). Depuis son ouverture, ce sont plus de 5 000 étudiants qui ont y été formés (MANGA, 2016).

La *Fé e Cooperação Fundação* (FEC, coopération portugaise) intervenait aussi dans la formation des instituteurs de la région. Elle a arrêté son programme depuis fin 2016.

Des performances officielles en progression et relativement élevées dans le contexte national

Le taux d'analphabétisme est en nette baisse dans la région puisque selon le RGPH, il serait passé de 79 % en 1991 à 51 % en 2009. Ainsi, Cacheu affichait en 2009 un taux d'alphabétisation qui le plaçait au 3^{ème} rang national derrière le secteur autonome de Bissau (77%) et les Iles Bijagos (53%). Ces relatives bonnes performances sont à mettre sur le compte d'une augmentation du taux de scolarisation primaire.

Cacheu affiche en outre un niveau d'instruction de base et secondaire élevé dans le contexte national, respectivement 15% et 13 %, alors que les autres régions du pays, mis à part Bissau, affichent des taux inférieurs à 7 %.

Des défis structurels persistants

Les taux d'échec et d'abandon du système scolaire sont symptomatiques d'une situation de crise latente du secteur dans la région.

Ainsi, pour l'année scolaire 2014-2015, plus de 16 000 des 64 000 élèves ont redoublé, soit un taux d'échec de 25 %. La direction régionale de l'éducation de Cacheu estimait en outre que 8% des élèves inscrits dans le public ont abandonné l'école, pour des motifs économiques (près de 30% des abandons) mais surtout par manque d'intérêt (plus de 40% des abandons, **tableau 8**).

Cette situation s'explique par plusieurs facteurs :

- Des moyens matériels et financiers limités. Sur les 308 établissements de la région, plus de la moitié ne dispose pas d'un point d'eau fonctionnel. Sur les 659 salles de classes près d'une centaine est en mauvais état. Seules 360 latrines en bon état ont été recensées. La répartition des élèves dans la plupart des établissements en trois, quatre voire cinq plages horaires n'est que la conséquence directe de ce manque d'infrastructures scolaires. En moyenne, en région de Cacheu, un élève du primaire parcourt 02 km pour atteindre son école (Sangreman, 2016) ;

TABLEAU 8 - Motifs d'abandon des études pour les élèves en région de Cacheu								
MOTIFS D'ABANDON	Canchungo	Cacheu	Calequisse	Caíó	Bula	São Domingos	Bigene	Moyenne
Études chères	28,4	29,1	30,3	31,2	26,2	27,0	28,2	28,6
Travaux domestiques	0,9	0,9	0,8	0,7	0,5	0,8	0,9	0,8
Sans intérêt	40,6	44	41,2	45,7	38,5	43	42,3	42,2
Maladie/Grossesse	18,7	20,2	23,3	22,2	19,5	21,5	25	21,5
Autres motifs	11,3	9,9	4,4	0,2	15,3	7,7	3,6	7,4
Total	100	100	100	100	100	100	100	100

21. Il s'agit d'un établissement mis en place par l'organisation chrétienne West African Vocational Schools (WAVS), dont le siège se trouve aux États-Unis.

- Le nombre, le profil et les conditions de travail des enseignants. Les enseignants non qualifiés représentaient en 2016 55% des effectifs totaux. Ils sont mal rémunérés et perçoivent leur traitement de façon irrégulière, ce qui génère des grèves parfois très longues. En outre, les changements fréquents à la tête des établissements ne favorisent pas la continuité du service et la capitalisation des acquis.

Il n'est pas étonnant dans ce contexte que certains élèves abandonnent leur scolarité ou quittent leur région pour chercher de meilleures conditions d'étude. Bissau mais également Ziguinchor (Sénégal) offrent, à bien des égards, un meilleur cadre d'apprentissage.

Quelles actions prioritaires dans le contexte sur le court terme ?

Trois axes prioritaires d'intervention ressortent dans le contexte régional et national évoqué plus haut.

Il apparaît tout d'abord capital de travailler au développement d'une offre de formation utile à l'acquisition des savoirs de base (lecture, écriture, calcul). La croissance démographique soutenue et l'augmentation du taux de scolarisation impliquent de soutenir toutes les initiatives qui amélioreraient les conditions de travail des enseignants et des élèves, que celles-ci soient portées par des acteurs étatiques ou non étatiques (associations de migrants, ONG,...). La mise en place de systèmes de parrainage et de cantines scolaires doit ainsi être encouragée.

Ensuite, considérant que la mobilité transfrontalière est un moyen pour certaines familles de palier les défaillances régionales, il apparaîtrait pertinent de soutenir les structures éducatives « transfrontalières » implantées en territoire sénégalais, qui opèrent dans un contexte institutionnel bien plus stable qu'en Guinée-Bissau.

Enfin, il conviendrait de soutenir le développement d'une offre de formation professionnelle adaptée au contexte local, national et sous régional. Celle-ci doit être pensée en fonction des opportunités économiques existant à ces différentes échelles du fait de la grande mobilité des ressortissants de Cacheu.

5.3. Appuyer les exploitations agricoles familiales de la région : soutenir la diversification des sources de revenus, faciliter la circulation des biens agricoles et accompagner les dispositifs concertés d'accès aux ressources naturelles

Cacheu, région agricole

Les éléments présentés dans la partie relative à l'économie régionale souligne l'importance du secteur agro-halio-sylvo pastoral pour de nombreuses familles de la région, cela alors que les services déconcentrés de l'Etat opèrent dans des conditions aussi difficiles que leurs homologues de la santé et de l'éducation.

Première région productrice de noix de cajou et d'huile de palme, Cacheu concentre également une grande partie de la pêche artisanale du pays (voir partie 4). La région concourrait par ailleurs à plus de 15% de la production céréalière, du fait en particulier de l'omniprésence des systèmes de culture rizicoles.

Il faut souligner que l'essentiel de la production régionale est le fait d'exploitations agricoles familiales qui, bien qu'inégalement dotées en facteurs de production, partagent des contraintes communes.

Quelles actions prioritaires dans le contexte sur le court terme ?

Selon l'esprit du Plan Stratégique et Opérationnel 2015-2020 (Guinée-Bissau 2025 – Sol Na Iardi) qui accorde une place à l'amélioration de la qualité de la noix de cajou et de la diversification des exportations et productions vivrières, au développement de la pêche artisanale, il conviendrait de soutenir trois axes stratégiques.

Tout d’abord le développement d’une *démarche qualité* pour la noix de cajou qui permettrait de sécuriser (plus que d’augmenter) les revenus des producteurs. Ce soutien pourrait consister en l’octroi, à travers une organisation paysanne faîtière, d’une avance sur récolte aux petits producteurs qui s’engageraient à respecter un *cahier des charges qualité* et à rembourser cette avance en nature au moment de la récolte. Cette organisation paysanne pourrait ainsi constituer un stock et parallèlement jouer le rôle d’intermédiaire avec les grossistes du secteur et obtenir un meilleur prix de vente.

Ensuite, soutenir le développement de l’ensemble des productions (« vivrières » ou « de rente ») issues des exploitations familiales. Plus qu’un soutien à des filières spécifiques, un plaidoyer fort pour la libre circulation de ces productions, actuellement dans bien des cas illégalement taxées, au moins à l’échelle nationale et si possible avec la basse-Casamance voisine, aurait sans nul doute un effet stimulant sur les nombreuses productions écoulées au niveau des marchés locaux, nationaux et sous régionaux. Il s’agirait ni plus ni moins que de respecter le protocole de la CEDEAO sur la libre circulation des biens et des personnes entre pays membres et ainsi de faciliter la connexion entre zones de production et la demande émanant des villes dites « secondaires » de la région.

Enfin, la pression démographique et les mobilités sous régionales croissantes appellent un soutien à tous les dispositifs qui permettraient de réguler, dans la concertation et idéalement équitablement, l’accès aux ressources productives : terre, eau et ressources halieutiques, ressources ligneuses et non ligneuses...

BIBLIOGRAPHIE

Abreu A.J. (2012) *Migration and development in contemporary Guinea-Bissau: a political economy approach*. Phd thesis. SOAS, University of London. 358 p.

ADPP (2015). *Relatório Anual 2015 Guiné-Bissau*. 36 p.

Africapolis (2008). *Dynamiques de l'urbanisation, 1950-2020: Approche géostatistique*, Afrique de l'Ouest. 104 p.

Andrieu J. (2018) *Land cover changes on the West-African coastline from the Saloum Delta (Senegal) to Rio Geba (Guinea-Bissau) between 1979 and 2015*. European Journal of Remote Sensing, 51:1, 314-325, DOI: 10.1080/22797254.2018.1432295

Associação “Céu E Terras” (2013). *Project de sensibilisation des jeunes et femmes enceintes sur les IST et VIH/SIDA – Guinée Bissau*. 10 p.

Baldé B. (2013). *O Setor Financeiro e as Instituições do Setor Privado na Guiné-Bissau: descrição, estrangulamentos e políticas a adotar*. 86 p.

Bayan L. (2015). *Régulo e Comité: Acertos e divergências na Secção de Suzana*. Cadernos de Estudos Africanos n°30, pp 167-185.

Beillevaire J. & Grdr (2016) *Programme d'Appui au Développement Territorial en région Cacheu (PADETEC)*. Rapport d'étude sur les Organisations de la Société Civile en région Cacheu. 32 p. (et répertoire des OSC associé à l'étude).

Bock A. (2015). *Diagnóstico sobre a situação de base da economia local na região de Cacheu: Oportunidades de mercado e de emprego para jovens e mulheres, estrangulamentos e principais desafios*. 68 p.

Borges M. (2004). *Negaciando sociabilidades em meio urbano: o associativismo feminino em Bissau* (Guiné-Bissau, Africa Ocidental). 74 p.

Cabral A.I.R. & Costa F.L. (2017) *Land cover changes and landscape pattern dynamics in Senegal and Guinea Bissau borderland*. In : Applied Geography, n°82, pp. 115-126.

Camara S.T. & Camara S. (2011) *Estudo sobre os Mercados Tradicionais « Lumo » na Guiné-Bissau*. Mapeamento dos grandes mercados das Zonas Norte et Leste da Guiné-Bissau e dois mercados tradicinais no sul de Senegal. SNV. 25 p.

Chéneau-Loquay A. (1995). *Monoculture d'exportation et grands domaines en Guinée-Bissau. Une transition libérale liée au monde lusophone*. pp. 295-313

Comité de estado da região de Cacheu (2007). *Plano de desenvolvimento regional*. 128 p.

Correira, A (1962) *Guiné portuguesa: população autóctone segundo os recenseamentos para fins fiscais*. In: Boletim Cultural da Guiné Portuguesa. - Vol. XVII, n° 65 (1962), p. 57-118

CSRP (2011). *État des lieux nationaux – CEPIA. Dynamiques halieutiques et systèmes de gestion des pêches*. 34 p.

Cuq F., Madec V. & Gourmelon F. (1996) *Mise à jour de la carte d'occupation des sols des provinces côtières de Guinée-Bissau*. Mappemonde 4/96 pp. 21-26

Da Silva B. D. A. (2010). *Urbanização na Guiné-Bissau, Morfologia e estrutura urbana da sua capital*. 111 p.

Diombera K. (1999) *Programme d'évaluation des Ressources Forestières Mondiales au Guinée-Bissau*. 31 p.

Direcção Regional de Saúde de Cacheu (2017). *Distribuição de funcionários por Categoria*. 2 p.

Gorée Institute (2012). *Systèmes de conflits et enjeux sécuritaires en Afrique de l'Ouest*. 118 p.

Grdr (2016). *Étude de référence sur la filière noix de cajou en régions de Cacheu et Oio*. 108 p.

Grdr (2011a) *Les pratiques de co-développement entre la France et la région de Cacheu – Guinée-Bissau*. État des lieux et fiches techniques. 90 p.

Grdr (2009). *Monographie de la section de Pelundo*. 68 p.

Grdr (2011). *Monographie de la section de Caio*. 61 p.

Grdr (2016). *Monographie de Susana. Dynamiques démographiques observées durant 50 années (1976-2016)*, Présentation Powerpoint.

Grdr (2011). *Monographie du territoire de Calequisse*. 93 p.

Grdr (2012). *Rapport narratif intermédiaire année 1. Programme d'Appui au Développement Territorial en région de Cacheu (PADETEC)*. 20 p.

Grdr (2011b) *Répertoire du co-développement. Les associations de la diaspora bissau-guinéenne en Espagne, France, Portugal, Gambie et Sénégal et les associations relais en région de Cacheu*. 272 p

Grdr (2015). *Site pilote de Canchungo, Phase 1 des études monographiques du site pilote de Canchungo : Bilan des études menées dans les quartiers de Betame, Pendai et Tchada*. 28 p.

Grdr (2015). *Site Pilote de Diembéring-Varela. Du sable lourd, des touristes et des poissons : du foncier à la gouvernance, quels enjeux ?* 48 p.

Grdr (2016). *Situation de référence sur la filière huile de palme en région de Cacheu (Guinée-Bissau)*. 48 p.

Grdr (2017) *Un littoral en mouvement. Diversité, dynamiques et mutations des territoires frontaliers du sud-ouest du Sénégal et du nord-ouest de la Guinée-Bissau*. 140 p.

Grdr & CONGAI (2010). *Programa de Apoio às Iniciativas de Desenvolvimento Local et de luta contra a pobreza na Região de Cacheu. Relatório do estudo sobre a fileira horticola em Região de Cacheu*. 19 p.

Greenpeace (2011). *Des filets vides, un futur compromis. Comment la surpêche et le changement climatique accélèrent la dégradation des richesses marines en Afrique de l'Ouest*. 20 p.

GRET ; IRAM (2008). *Profil sécurité alimentaire Guinée-Bissau*. 25 p.

Groupe de la Banque africaine de développement (2015). *Profil genre pays : Guinée-Bissau*. 52 p.

Havik P. (2016) *Guinea-Bissau's rural economy and society. A reassessment of colonial and post-colonial dynamics*. In : Chabal P. & Green T. (Eds.) *Guinea-Bissau. Micro-state to « narco-state »*. Hurst & Company, London. pp. 55-86

Hochet A.M. (1981) *Paysanneries en attente. Guinée-Bissau*. ENDA. 174 p.

Hummelbrunner R. (1981a). *Sector de Bigene (Região de Cacheu)*. 21 p.

Hummelbrunner R. (1981b). *Sector de São Domingos (Região de Cacheu)*. 21 p.

Initiative 5 % (2014). *Sécurisation de l'accès aux médicaments et produits médicaux nécessaires à la lutte contre le VIH/SIDA, la tuberculose et la malaria en Guinée-Bissau*. 40 p.

Lambert M. (2008) «*Réflexions sur le Multilocalisme et les Migrations Internationales au Sud du Sénégal et ailleurs*». In : REVUE Asylon(s) n° 3| Migrations et Sénégal

Manga R. (2016). *Entreprises culturelles en région littorale : les pêcheurs d'hommes à Canchungo*. 67 p.

Mendes O. (2007). *Agroclimatologie de la production de l'anacardier en Guinée-Bissau*. 44 p.

Observatoire Économique et Statistique d'Afrique Subsaharienne ; Instituto Nacional de Estatística – INE (2013). *Projections démographiques en Guinée-Bissau 2009-2030*. p.

OMS (2009). *Un aperçu de la stratégie de coopération : Guinée-Bissau*. 2 p.

OIM (2012). *Final report to 1035 facility, Assesment of the development potential of Guinea-Bissau diaspora in Portugal and France, Lisbon*. 121 p.

PAM (2016). *Enquête de suivi de la sécurité alimentaire et nutritionnelle en Guinée-Bissau*. 38 p. [En ligne]

PNUD (2010). *Mise à jour du Schéma Directeur de l'Eau et de l'Assainissement de la Guinée-Bissau (2010-2020)*. Plan d'actions OMD-SMDD pour l'Approvisionnement en Eau Potable et l'Assainissement (AEPA). 101 p.

Rocha Brito B. (2006). *Estudo Socioeconómico e Diagnóstico para Acompanhamento das Condições de Bem-Estar das Famílias da Região de Cacheu*. 74 p.

Secrétariat d'État aux migrations SEM (2016). *Focus Guinée-Bissau : Situation médicale à Bissau*. 41 p.

Said A. R., Cardoso L., Indjai B., Da Silva Nhaga H. (2011). *Identification et caractérisation des sites naturels sacrés côtiers et marins en Afrique de l'Ouest*. Rapport de la Guinée-Bissau. 76 p.

Sangreman (2016). *Observando Direitos na Guiné-Bissau : educação, saúde, habitação, água, energia, saneamento, justiça, meios de subsistência*. 158 p.

Secretaria de Estado do Ambiente e do Turismo (2012). *Cimeira mundial sobre o desenvolvimento sustentável*. Relatório Nacional. 26 p.

SOGUIBA. *Memória das actividades da ONGD SOGUIBA no desenvolvimento agrícola na Guiné-Bissau*. 10 p.

Temudo M. & Cabral I. (2017) *The Social Dynamics of Mangrove Forests in Guinea-Bissau, West Africa*. Hum Ecol. DOI 10.1007/s10745-017-9907-4

UICN/BRAO (2007). *Évaluation de l'efficacité de la gestion des aires protégées: Parc de Guinée-Bissau*. 35 p.

Union Économique et Monétaire Ouest Africaine-UEMOA (2016). *Enquête cadre de la pêche artisanale maritime en Guinée-Bissau – Année 2014*. 93 p.

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza – Ce – Brasil (2010). *Análise da produção e economia do setor pesqueiro de Guiné-Bissau, costa ocidental da África*. 19 p.

UN Guinée-Bissau, UNDESA (2010). *Petits états insulaires en développement. 1er rapport national sur la mise en œuvre de la stratégie de Maurice + 5*. Zone côtière de la Guinée-Bissau. 35 p.

USAID/Guinea (2007). *Plan de développement du produit : l'anacardier (noix de cajou)*. 63 p.

Sites Internet consultés :

· Sites des organisations des Nations Unies : BIT, FAO, PAM, UNESCO, UNICEF, OMS ;

· Site de l'Institut National de Statistiques et du Recensement (<http://www.stat-guinebissau.com>);

· Documents cadres des ministères bissau-guinéens : Santé Publique, Economie Plan et Intégration Régionale, Agriculture et développement rural. Consultables sur divers sites Internet : banque mondiale, OMS, ...

LISTE DES CARTES, FIGURES, TABLEAUX ET ENCADRÉS

CARTES

CARTE 1
Cacheu, une région dans la mondialisation

CARTE 2
Localisation de la région de Cacheu

CARTE 3
Les secteurs de la région de Cacheu

CARTE 4
Personnel soignant affecté aux structures de santé publique dans les secteurs de la région de Cacheu

CARTE 5
Personnel affecté aux services de l'agriculture, de l'élevage et de la forêt dans les secteurs de la région de Cacheu

CARTE 6
Sites d'implantation des associations de ressortissants de la Guinée-Bissau en Europe et en Afrique de l'ouest

CARTE 7
Population résidente dans les régions de Guinée-Bissau en 2009

CARTE 8
Croissance de la population dans les régions de Guinée-Bissau

CARTE 9
Croissance de la population résidente dans les secteurs de la région de Cacheu

CARTE 10
Population résidente et densité dans les secteurs de la région de Cacheu en 2009

CARTE 11
Répartition de la population dans la région de Cacheu et pôles urbains

CARTE 12
Réseau routier principal en région de Cacheu

CARTE 13
Part de la tranche 15-34 ans dans la population résidente en 2009

CARTE 14
Evolution de l'occupation du sol à Canchungo entre 1968 et 2014

CARTE 15
Morphologie et hydrologie de la région de Cacheu

CARTE 16
Marchés hebdomadaires «luma» en région de Cacheu

CARTE 17
Flux d'importation de porcs dans la région de Cacheu depuis le Sénégal et la Gambie

CARTE 18
Principaux sites de concentration de débarquement et de transformation de produits halieutiques en région de Cacheu

CARTE 19
Flux sous régionaux de *bagre fumado* depuis Varela

CARTE 20
Flux d'huile de palme rouge

CARTE 21
Nombre d'élèves, type et nombre d'écoles dans les secteurs de la région de Cacheu

TABLEAUX

TABLEAU 1
Sections et villages des secteurs de la région de Cacheu

TABLEAU 2
Croissance démographique annuelle moyenne sur deux périodes à l'échelle de la région de Cacheu et de la Guinée-Bissau

TABLEAU 3
Villages de la section de Suzana (nord-ouest de la région de Cacheu) essentiellement peuplés de réfugiés du conflit casamançais et leur origine

TABLEAU 4
Vitesse moyenne d'élévation de l'océan atlantique depuis 1901

TABLEAU 5
Les systèmes de culture rizicoles pratiqués en région de Cacheu et quelques unes de leurs caractéristiques

TABLEAU 6
Répartition des USC par Aire sanitaire en région de Cacheu

TABLEAU 7
Répartition des pharmacies privées en région de Cacheu

TABLEAU 8
Motifs d'abandon des études pour les élèves en région de Cacheu

FIGURES

FIGURE 1
Organigramme de l'administration en région de Cacheu

FIGURE 2
Principaux domaines d'intervention des OSC de la région de Cacheu

FIGURE 3
Echelle géographique d'intervention des OSC de la région de Cacheu

FIGURE 4
Typologie des OSC répertoriées en région de Cacheu selon le nombre de membres déclaré

FIGURE 5
Typologie des OSC répertoriées en région de Cacheu selon le budget annuel déclaré (F-CFA)

FIGURE 6
direction des mouvements d'émigration depuis Bula, Calequisse, Djetta et Texeiro Pinto (Canchungo) dans les années 1950

FIGURE 7
Pyramide des âges de la population résidente en région de Cacheu en 2009

FIGURE 8
Evolution des superficies de palétuviers en région de Cacheu de 1978 à 2015

FIGURE 9
Evolution des superficies (ha) des ressources forestières en région de Cacheu sur la zone de plateau de 1978 à 1990

FIGURE 10
Contribution des différentes régions de Guinée-Bissau aux exportations d'arachide et d'huile de palme au début des années 1980

FIGURE 11
Calendrier des principales activités agricoles en région de Cacheu

FIGURE 12
Sources principales de revenus monétaires déclarées à l'échelle des secteurs et de la région de Cacheu

ENCADRÉS

ENCADRÉ 1
La CONGAI, acteur pionnier dans la dynamique de regroupement associatif en région de Cacheu

ENCADRÉ 2
Diversité et unité culturelles en région de Cacheu

ENCADRÉ 3
Hospitalité et refuge de part et d'autre de la frontière : rappel historique

ENCADRÉ 4
L'histoire récente des mobilités humaines à Pelundo ou la genèse d'une communauté multi-située

ENCADRÉ 5
Portrait de migrants saisonniers originaires de Varela lala. Le vin de palme...

ENCADRÉ 6
Le parc naturel des mangroves du fleuve Cacheu

ENCADRÉ 7
Diversité des terroirs villageois et de leur degré de littoralité

ENCADRÉ 8
Dynamique des températures, de l'humidité de l'air et de l'ensoleillement au cours de l'année

ENCADRÉ 9
L'importance du commerce de bétail en région de Cacheu à travers l'exemple d'une commerçante de porcs implantée à Canchungo

ENCADRÉ 10
D.B., productrice de *métorah* à Varela Madina et commerçante

ENCADRÉ 11
Synthèse d'une étude de référence sur les « petits producteurs » de noix d'anacarde en régions Oïo et Cacheu

ENCADRÉ 12
Importance économique et alimentaire de l'huile de palme rouge

ENCADRÉ 13
Un bref aperçu du lycée régional Hô Chi Minh

LÉGENDE DES PHOTOS

PARTIE I

P.12. De haut en bas et droite :

Réunion de concertation dans le quartier Bétame (Canchungo, 2014) ;

Boutique du quartier Bissai gérée par l'association N'guitchënklar (Caió, 2014). Les bénéficiaires aident à financer la scolarisation d'enfants du quartier ;

Siège du gouvernorat à Cacheu (Cacheu, 2018). ©Grdr.

PARTIE II

P.20. De haut en bas et droite :

Des lycéens attendent la reprise des cours devant le lycée Ho Chi Minh (Canchungo, 2014). Canchungo, siège du seul lycée de la région, accueille des adolescents de toute la région ;

Pont de Saó Vicente sur le rio Cacheu, inauguré en 2009. Les infrastructures routières bitumées et la frontière influencent le peuplement de la région. <https://freewheely.com/fr/2013/07/bissau-the-cashew-republic/>, consulté le 11 mai 2018 ;

Une rue de Bissau (2014). La plupart des habitants de la région de Cacheu se situe à 2 ou 3 heures de route de la capitale du pays. Les mobilités entre villes et campagnes brouillent les frontières entre population urbaine et rurale ;

PARTIE III

P.30. De haut en bas et droite

Un fromager dans la ville de Canchungo (Canchungo, 2014). Arbres sauvages et cultivés demeurent omniprésents dans le paysage ;

Vue du rio Babok à marée basse (Canchungo, 2014). Au premier plan, des femmes et des enfants récoltent des coquillages. En arrière plan, palétuviers, palmeraies, vergers et « forêt » sont omniprésents ;

Excavation de blocs de pierres dans une carrière de Canchungo. Les blocs sont ensuite émiettés et revendus par des femmes pour la production de béton (Canchungo, 2014). La croissance démographique et l'évolution des modes constructifs génèrent une demande croissante en matériau de ce type.

PARTIE IV

P.36. De haut en bas et droite

Vente de *bagre fresco* (poisson chat frais) à proximité du péage de João Landim au bord de l'axe bitumé reliant Bula à Safim, à l'entrée du pont surplombant le rio Mansoa (source : <https://freewheely.com/fr/2013/07/bissau-the-cashew-republic/>, consulté le 11 mai 2018) ;

Transformation de noix de palmistes pour agrémenter le *caldou*, Caio, 2014. Les palmiers procurent de nombreux produits qui sont valorisés par différentes familles d'usagers. L'huile de palme rouge de Cacheu est particulièrement réputée et s'exporte à plusieurs centaines de kilomètres des sites de production ;

Huîtres de mangrove (rio Babock, Canchungo, 2014). Cueillies par des femmes sur des racines de palétuviers et des rochers à marée basse, elles agrémentent, fraîches ou séchées fumées, les plats de riz. Les produits halieutiques jouent un rôle capital dans l'alimentation et l'économie locales.

PARTIE V

P.48. De haut en bas et droite

Pharmacie construite grâce soutien de l'Association d'aide au Développement pour le Village de Caió (ADVC), une association de la diaspora créée en 1992 par des ressortissants de Caió établis en Ile de France et en Normandie (Caió, 2014). Cette pharmacie est également utilisée par des habitants des Iles de Djeta et Pexice, très enclavées ;

Leçon de mathématiques dans une salle de classe de plein dans le quartier Bétame (Canchungo, 2014) ;

Rizière en bordure du quartier Bétame (Canchungo, 2014).

Une réalisation



A l'instar de la Guinée-Bissau dans son ensemble, Cacheu est une région dont on parle peu si ce n'est pour évoquer l'impact des difficultés politiques du pays sur le territoire. Quand elle n'est pas ignorée, elle pâtit d'une image plutôt négative parmi les personnes qui n'ont pas eu la chance d'y séjourner.

Pourtant, que l'on évoque son **dynamisme démographique et économique, sa position géographique originale**, à l'interface entre l'Océan Atlantique et des pôles urbains littoraux majeurs comme Bissau et Ziguinchor, **l'importance de sa mangrove, les actions de sa diaspora et plus largement de la société civile**, et, enfin et surtout, l'aptitude des habitants de la région à **cohabiter paisiblement et leurs capacités avérées d'accueil**, ce territoire ne manque à l'évidence pas de ressources.

Fort de cette conviction et devant la **nécessité de donner à voir un autre point de vue sur la région de Cacheu**, le gouvernorat et son cabinet de planification se sont associés au Grdr dans le cadre du Programme d'Appui au Développement Territorial en région de Cacheu (PADETEC) pour produire la présente monographie.

Cette monographie est le fruit d'un travail collégial conduit entre des acteurs de la société civile et les services déconcentrés de l'Etat. Si elle ne prétend pas à l'exhaustivité, cette monographie veut contribuer à une **meilleure visibilité de la région de Cacheu** et servir de **base d'information** pour les acteurs du développement y intervenant.

en partenariat avec



Gabinete de Planificação de Cacheu
REPUBLICA DA GUINÉ-BISSAU

